



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA – CCN**  
**CURSO DE BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA**

**LARISSA DE SOUSA ANDRADE**

**UMA REFLEXÃO SOBRE O POTENCIAL DO SABER FAZER CANOA EM  
TERESINA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL**

Teresina

2024

LARISSA DE SOUSA ANDRADE

UMA REFLEXÃO SOBRE O POTENCIAL DO SABER FAZER CANOA EM  
TERESINA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Arqueologia da Universidade Federal do Piauí, como requisito da disciplina Monografia II e para obtenção do título de Bacharel em Arqueologia.

Orientador: Prof. Dr. Vinicius Melquiades dos Santos

Teresina

2024

FICHA CATALOGRÁFICA  
Universidade Federal do Piauí  
Sistema de Bibliotecas UFPI - SIBi/UFPI  
Biblioteca Setorial do CCN

A553r Andrade, Larissa de Sousa.  
Uma reflexão sobre o potencial do saber fazer canoa em  
Teresina como patrimônio cultural. -- 2024.  
135 f. : il. color

Monografia (Graduação) - Universidade Federal do Piauí.  
Centro de Ciências da Natureza. Programa de Graduação em  
Arqueologia, Teresina, 2024.  
“Orientador: Prof. Dr. Vinicius Melquiades dos Santos”

1. Patrimônio imaterial. 2. Construção naval - Canoa. 3. Poti  
Velho - Teresina. 4. Identidade cultural. I. Santos, Vinicius  
Melquiades dos. II. Título.

CDD 930.1

Bibliotecária: Caryne Maria da Silva Gomes - CRB3/1461

LARISSA DE SOUSA ANDRADE

UMA REFLEXÃO SOBRE O POTENCIAL DO SABER FAZER CANOA EM  
TERESINA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Arqueologia da Universidade Federal do Piauí, como requisito da disciplina Monografia II e para obtenção do título de Bacharel em Arqueologia.

Orientador: Prof. Dr. Vinicius Melquiades dos Santos

**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente  
 VINICIUS MELQUIADES DOS SANTOS  
Data: 28/09/2024 07:49:42-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Vinicius Melquiades dos Santos

Orientador – UFPI

Documento assinado digitalmente  
 CELSO DA SILVA RIOS FILHO  
Data: 22/09/2024 18:41:22-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Celso da Silva Rio Filho

Membro Titular

Documento assinado digitalmente  
 JOINA FREITAS BORGES  
Data: 09/09/2024 16:53:35-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Joina Freitas Borges

Membro Titular



Documento assinado digitalmente

FLAVIO RIZZI CALIPPO

Data: 20/09/2024 08:59:31-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Flavio Rizzi Calippo

Membro Titular

---

Ana Luisa Meneses Lage do Nascimento

Membro Suplente

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha família e a todos os meus amigos que estiveram nos momentos bons e ruins, que me fizeram persistir e nunca desistir. Ao meu orientador, que auxiliou e motivou para realizar essa pesquisa, ao mestre carpinteiro naval Senhor Celso, Fernandes, Daniel e Ulisses pela disponibilidade de transmitir seus conhecimentos e pela entrevista.

“Continue a nadar! Continue a nadar! Continue a nadar, nadar, nadar!” (Pixar)

## **RESUMO**

Esta pesquisa tem como tema principal o estudo do modo de saber fazer canoa dos construtores navais do bairro Poti Velho de Teresina. A construção dessas embarcações, é realizada embaixo da ponte Antônio Mariano Castelo Branco. Construção de Canoas é uma tradição passada de geração em geração, mas muito pouco da população teresinense conhece essa prática tradicional. Essa pesquisa se objetivou em estudar esse saber para realizar uma reflexão do seu potencial como patrimônio imaterial, para motivar a sua salvaguarda e preservação na memória. Para isso, foram utilizados como métodos de coleta de dados de pesquisa bibliográfica, visando adquirir informações sobre o contexto do bairro Poti Velho e algumas de suas práticas tradicionais que fazem parte de sua identidade cultural; a realização do acompanhamento e entrevista com os construtores navais contribuiu para o registro de conhecimento que não estão presente na bibliografia pesquisada. A prática tradicional da construção de canoa é um dos símbolos culturais de Teresina e por isso fez necessário o seu estudo, como também essa reflexão para a população ter uma breve noção de seu patrimônio e sua preservação necessária.

**Palavras-Chaves:** Patrimônio Naval; Ofício Tradicional; Teresina; Identidade Cultural.

## **ABSTRACT**

This research has as its main theme the study of the way of knowing how to make canoes among shipbuilders in the Poti Velho neighborhood of Teresina. The construction of these vessels is carried out under the Antônio Mariano Castelo Branco bridge. Canoe construction is a tradition passed down from generation to generation, but very few of the population of Teresina know about this traditional practice. This research aimed to study this knowledge to reflect on its potential as intangible heritage, to motivate its safeguarding and preservation in memory. For this, bibliographical research data collection methods were used, aiming to acquire information about the context of the Poti Velho neighborhood and some of its traditional practices that are part of its cultural identity; Carrying out monitoring and interviews with shipbuilders contributed to recording knowledge that is not present in the researched bibliography. The traditional practice of building a canoe is one of the cultural symbols of Teresina and that is why its study was necessary, as well as this reflection so that the population could have a brief idea of its heritage and its necessary preservation.

**Keywords:** Naval Heritage; Traditional Craft; Teresina; Cultural Identity.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Miniatura do navio a vapor-----	38
Figura 2 – Mesa pertencente ao navio da empresa fluvial piauiense-----	38
Figura 3 – Leme do navio da empresa fluvial piauiense-----	39
Figura 4 – Procissão de São Pedro-----	42
Figura 5 – Exposição Coisa de Pescador-----	43
Figura 6 – Seção de barro no Museu do Piauí, representando a produção da cerâmica--	44
Figura 7 – Processo da queimação da cerâmica no Museu do Piauí-----	44
Figura 8 – Mercado do Peixe-----	45
Figura 9 – Canoa concluída representada em painel no cetro de artesanato Mestre Dezinho-----	48
Figura 10 – Etapa de forramento da canoa em painel-----	49
Figura 11 – Casa da canoa-----	50
Figura 12 – Mestre Cecé-----	51
Figura 13 – Fernandes, Daniel e Senhor Celso-----	51
Figura 14 - Desenho e o corte realizado na banca de disco das cavernas-----	52
Figura 15 – Uma casa de Caverna com a junção de dois braços-----	53
Figura 16 - Amarração nas pontas das tábuas para o formato da curva-----	53
Figura 17 – Proa e Popa finalizada-----	54
Figura 18 - Processo Cava-----	54
Figura 19 - Processo de lixamento após o processo cava-----	55
Figura 20 - Colocação da manta de vidro-----	55
Figura 21 - Canoa já com o acabamento da aplicação da fibra de vidro-----	56
Figura 22 - Canoa Finalizada-----	56
Figura 23 – Canoa Sofá-----	60
Figura 24 – Senhor Ulisses com a miniatura da galeota imperial brasileira-----	61

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Matéria-Prima da Casa da Canoa-----	58
Tabela 2 – Ferramentas de Carpintaria Naval-----	58
Tabela 3 – Embarcações da exposição no Museu do Piauí-----	60

## **LISTA DE MAPAS**

Mapa 1 – Localização do Município de Teresina-----31

## LISTA DE SIGLAS

<b>ACEPOTI</b>	Associação dos Ceramistas do Poti Velho
<b>ALEPI</b>	Assembleia Legislativa do Estado do Piauí
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>ICOMOS</b>	Conselho Internacional de Monumentos e Sítios
<b>IPHAN</b>	Instituto Brasileiro do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
<b>MAP</b>	Museu de Arqueologia e Paleontologia da Universidade Federal do Piauí
<b>PLAMPA</b>	Plano Museológico Participativo do Museu de Arqueologia e Paleontologia da Universidade Federal do Piauí
<b>SEBRAE</b>	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
<b>SEMPPLAN</b>	Secretaria de Planejamento e Assuntos Econômicos
<b>UFPI</b>	Universidade Federal do Piauí
<b>UNESCO</b>	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>15</b>
<b>2. PERSPECTIVAS ARQUEOLÓGICAS NA ÁREA DE ESTUDO</b>	<b>18</b>
2.1.Arqueologia do Presente	20
2.2.Patrimônio Cultural	24
<b>3. TERESINA ÀS MARGENS DOS RIOS</b>	<b>31</b>
3.1.O papel dos rios na estruturação urbana	33
3.2.Teresina uma capital planejada	34
3.3.Teresina e sua representatividade fluviais	40
<b>4. OS SABERES DOS CARPITEIROS NAVAIS EM TERESINA, PIAUÍ, BRASIL</b>	<b>47</b>
4.1.História Oral	47
4.2.Carpintaria Naval	48
4.3.Tradição da carpintaria naval da Casa da Canoa	50
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>63</b>
<b>REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA</b>	<b>65</b>
<b>APÊNDICE A – Entrevista com o mestre carpinteiro naval Senhor Celso, realizada em 08 de dezembro de 2023</b>	<b>71</b>
<b>APÊNDICE B – Entrevista com o Senhor Fernandes, aprendiz do senhor Celso, realizada em 08 de dezembro de 2023</b>	<b>83</b>
<b>APÊNDICE C – Entrevista com o mestre carpinteiro naval Senhor Celso, realizada em 30 de janeiro de 2024</b>	<b>89</b>
<b>APÊNDICE D – Depoimento com o artista Ulisses de Andrade Lima da exposição da carpintaria naval em miniatura, realizada em 13 de abril de 2024 no Museu do Piauí</b>	<b>95</b>
<b>APÊNDICE E – Entrevista com Daniel, realizada em 18 de abril de 2024</b>	<b>112</b>
<b>APÊNDICE F – Relatório de acompanhamento da Casa da Canoa dos dias 15 a 18 de abril de 2024</b>	<b>116</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como foco principal evidenciar o potencial que o modo de fazer canoa do mestre carpinteiro Celso da Silva Rio Filho, conhecido como Senhor Celso possui para ser considerado como patrimônio cultural e arqueológico da cidade de Teresina. Localizada debaixo da ponte Antônio Mariano Castelo Branco, no bairro Poti Velho, a Casa da Canoa, oficina do Senhor Celso, é o local onde o saber é transmitido oralmente de pai para filho. O objetivo principal desta pesquisa é registrar formalmente este saber para que ele não se perca com o tempo, garantindo assim a perpetuação da memória, das técnicas e saberes na construção dessas embarcações.

A continuidade da prática tradicional de construção de canoas da cidade de Teresina é ameaçada por dois fatores na atualidade: o primeiro é a falta de registro e divulgação para a população, e o segundo é a dificuldade de encontrar pessoas interessadas em aprender o ofício.

Como menciona Moreira (2018), “uma embarcação nos revela histórias de um povo, de uma época, de uma cultura e deve ser preservada como bem cultural, tendo em vista que abrange, além do Patrimônio Material, o Patrimônio Cultural Imaterial ou Intangível” (Moreira, 2018, p. 33). Nesse sentido, uma canoa, por exemplo, pode ser simultaneamente um patrimônio ou bem material arqueológico, histórico, etnográfico e imaterial, formas de expressões, saberes e técnicas, abrangendo a cultura material e imaterial, fornecendo uma ampla compreensão cultural.

O modo de fazer canoa teresinense pode ser considerado como um bem cultural imaterial. Conforme o IPHAN, os bens culturais de natureza imaterial obedecem à categoria estabelecida pelo Decreto n.º 3.551 de 4 de agosto de 2000, como: celebrações, lugares, formas de expressão e saberes. Esses bens são transmitidos por gerações, o registro é um instrumento legal de preservação, assim como seu reconhecimento e valorização do patrimônio imaterial do Brasil. É importante ressaltar que o registro é muita das vezes o apoio necessário para a sobrevivência de bens culturais que estão se perdendo com o tempo. Onde são inscritos os conhecimentos tradicionais e modos de fazer enraizados dos atores sociais no cotidiano das comunidades, conhecidos como

grandes conhecedores de técnicas, ofícios e matérias-primas que identifiquem um grupo social ou uma localidade, preservados para gerações futuras (IPHAN, 2014).

Podemos citar como exemplo de bens imateriais do Piauí que entraram para o Livro de Registro dos Saberes, criado pelo IPHAN, a produção tradicional de cajuína registrada em maio de 2014 (Lupa1,2022). Este livro trata-se, em modo geral, da apreensão dos saberes e dos modos de fazer relacionados à cultura, memória e identidade de grupos sociais (IPHAN, 2014). Assim como a lenda do Cabeça de Cuia, foi reconhecido como patrimônio cultural imaterial do Piauí pelo projeto de lei Ordinária n.º 193 de 2023, apresentado em 23 de agosto de 2023 e votado em 2 de outubro de 2023 (ALEPI, 2023). Em 18 de outubro de 2023, a lenda foi oficialmente submetida e reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial do Piauí pela Lei n.º 8.189 (ALEPI, 2023).

Nesse sentido, o objetivo dessa pesquisa é registrar o processo de construção das canoas e apontar o potencial do saber fazer como patrimônio imaterial, para assim alcançar futuramente a sua salvaguarda e preservação necessária. De forma mais específica, buscou-se descrever a área de estudo abordada na pesquisa, e discutir a relação do patrimônio material e imaterial; evidenciar a representação e a importância dos rios tanto para o desenvolvimento político quanto para as pessoas, que expressam através do rio seu cotidiano, seus costumes e sua cultura; realizar entrevistas e acompanhamentos das etapas de construção das canoas, para apontar suas mudanças técnicas, como também descrever todas as etapas de construção, ressaltar assim sua importância na identidade cultural de Teresina, para a manutenção da memória desse saber fazer.

A metodologia utilizada compreendeu a de uma pesquisa básica, de abordagem qualitativa e indutiva, de caráter descritivo e exploratória, em relação ao saber fazer canoa como patrimônio de Teresina. O presente estudo parte de uma breve análise histórica da cidade de Teresina, correlacionando a importância dos rios e a eles associado o seu patrimônio para a identidade cultural da cidade.

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi dividida em três capítulos. No primeiro foram apresentadas as perspectivas arqueológicas na área de estudo. Assim, foram analisados livros, dissertações e artigos com as temáticas da Arqueologia do Presente

embasadas na Arqueologia Histórica e Patrimônio Cultural. Esses estudos nos fizeram perceber como essas perspectivas foram definidas e aplicadas em outras regiões do país. Os autores utilizados foram alguns que têm a principal área de estudo, a Arqueologia do Presente como Vinícius Melquíades, Daniella Amaral, Lucas Antonio da Silva e na Arqueologia Histórica com Pedro Paulo Funari e Charles Orser Jr.

O segundo capítulo evidencia à relação da cidade de Teresina com os rios, correlacionando o envolvimento dos rios como um meio condutor para a escolha da região como uma nova capital do estado do Piauí, para assim, abranger o desenvolvimento socioeconômico do estado e do país. Mencionando também o rio como um produtor histórico com a sociedade e seu conjunto, que representa as experiências e aspirações das pessoas, abordando assim, as tradições socioculturais e a relação da população de Teresina com os rios.

No terceiro capítulo, foi realizada uma abordagem por meio de entrevista e acompanhamento para obter o registro e o melhor entendimento sobre a tradição de construir canoas do Poti Velho em Teresina. Através do acompanhamento ao Senhor Celso na sua oficina foi possível destacar aspectos das técnicas de construção, suas mudanças e as etapas do processo de construção, especificando como eram realizadas antigamente e como são feitas atualmente. Ressaltando assim, a importância cultural e identitária que essa prática tradicional de fazer canoa, transmitida de geração em geração, exerce em Teresina.

Com os resultados desta pesquisa, espera-se contribuir para a valorização e expansão do conhecimento tradicional da construção de canoas os colocando como patrimônio cultural de Teresina, detalhando ações que podem ser realizadas para que esse saber fazer canoa seja preservado e registrado como patrimônio.

## **2. PERSPECTIVAS ARQUEOLÓGICAS NA ÁREA DE ESTUDO**

Arqueologia, do ponto de vista do historiador e arqueólogo brasileiro Pedro Paulo A. Funari, é a ciência que estuda os sistemas socioculturais, sua estrutura, funcionamento e transformações com o decorrer do tempo, a partir da totalidade material transformada e consumida pela sociedade. Ele ressalta que arqueologia estuda, diretamente, a totalidade material apropriada pelas sociedades humanas, como parte de uma cultura total, material e imaterial, e sem limitações de caráter cronológicos (Funari, 2006).

Para Prous (2006), os arqueólogos são especialistas que estudam os vestígios materiais deixados quase sempre involuntariamente pelas sociedades. A arqueologia tem os mesmos objetivos dos outros pesquisadores das ciências humanas, ela apenas utiliza métodos e técnicas diferentes, e depende do estudo dos vestígios materiais. Segundo esse autor, a Arqueologia, como qualquer área científica, não expõe “fatos objetivos” que permitiriam atingir uma verdade, mas interpreta os indícios disponíveis em função dos pressupostos dos arqueólogos. Variando assim, conforme o momento e as tendências dos pesquisadores, já que existem abordagens práticas e correntes teóricas diferenciadas em cada época (Prous, 2006).

Em relação a essa variedade de estudo da arqueologia, a abordagem do projeto fica ao critério do pesquisador determinar sua linha de estudo, a arqueologia pode ser voltada com uma visão mais materialista, descritiva ou pode ser aquela com estudos voltados para a vida social dos objetos e o sentido simbólico da materialidade para a sociedade. Contudo a arqueologia não desfrutou sempre a relação com a vida social, como aponta Funari (2013), a arqueologia tem passado, nas últimas décadas, por grandes mudanças e, por consequência, em seus aspectos sociais (Funari, 2013 apud Santos, 2020).

Essas mudanças foram essenciais para o desenvolvimento da arqueologia com as pessoas e a sua materialidade, assim buscaremos esclarecer o histórico da arqueologia e apontar a ampliação na linha de estudo. Na década de 1960, no contexto de uma arqueologia antropológica norte-americana, surgiu a arqueologia processual ou nova arqueologia. Com objetivo de explicar os processos sociais e naturais, de como as coisas

funcionam e mudam nas sociedades, essa Arqueologia é vinculada a uma teoria antropológica em relação à adaptabilidade humana (Di Baco; Faccio; Luz, 2009).

Referindo-se a Trigger (1989, 2006)<sup>1</sup>, Donatti pontua que a nova arqueologia foi uma reação à arqueologia tradicional descritiva (arqueologia histórico-cultural) que simplesmente acumulava e descrevia o material arqueológico (Donatti, 2017). De acordo com Flanery (1973), a arqueologia processual busca entender e explicar o sistema que está por trás de ambos os indivíduos e materiais de uma cultura. Esse sistema é constituído por partes que se interagem e que estão em constante relação com o meio ambiente natural (Flanery, 1973, p. 105 apud Di Baco; Faccio; Luz, 2009, p. 218).

Para Funari (2005), a arqueologia processual, tendo atingido seu ápice na década de 1970, refletia uma visão capitalista do passado humano, privilegiando uma interpretação materialista pouco preocupada com as diversidades culturais. Para esse autor, a arqueologia processual tinha como propósito a coleção, descrição e classificação de objetos antigos.

Em resposta a essa abordagem científica do processualismo, na década de 1980, iniciou-se um movimento que dava importância para a vida social dos objetos e o sentido simbólico que este assume dentro das sociedades estudadas, expandindo-se para além da abordagem tecno-econômica da arqueologia processual (Funari, 2005). Os pós-processualistas criticaram as generalizações da cultura e do registro arqueológico e enfatizaram a importância de se analisar o contexto, significado, identidade, multifocalidade e gênero (Trigger, 1989, 2006 apud Donatti, 2017).

Os conceitos pós-processuais trouxeram em suas bases teóricas o subjetivismo e a interpretação dos fatos. Uma abordagem da época da influência pós-moderna dentre outras perspectivas críticas na arqueologia pós-processual, os arqueólogos, por sua vez, deixaram de ser meros espectadores da produção científica e passaram a ser protagonistas do fazer arqueológico (Santos, 2020). Como menciona Zarankin e Seantore (2012), a função básica de um arqueólogo é construir, e interpretar o passado. Refletir sobre este processo se torna, portanto, ponto central da prática arqueológica (Zarankin & Seantore,

---

<sup>1</sup> Trigger, 1989 - *A History of Archaeological Thought*. Cambridge, Cambridge University Press. 500 pp.  
Trigger, 2006 - *A History of Archaeological Thought (Second Edition)*. Cambridge, Cambridge University Press. 710 pp.

2012). O arqueólogo tem “o poder de transformação do passado, a partir da sua construção por meio de discursos interpretativos, criando história a partir de seus ‘vestígios’ “ (Zarankin, 2014, p. 43).

Como examina Trigger (2006), foram a partir da arqueologia pós-processuais que teve a extensão das teorias arqueológicas e a relação entre a interpretação e o contexto social do arqueólogo (Trigger, 2006 apud Donatti, 2017). A partir dessa abordagem teórica, a aproximação da arqueologia com as questões sociais permitiu o desenvolvimento de inúmeras linhas de pesquisa, abordando temáticas antes negligenciadas pelos pesquisadores, proporcionando assim, uma arqueologia do presente (Santos, 2020).

### 2.1. Arqueologia do Presente

Conforme Melquíades e Amaral (2022), uma arqueologia do presente começa pela desconstrução da relação entre arqueologia e antiguidade. Segundo eles, parafraseando Gosden e Silliman, essa desconstrução é devido aos seus processos de descolonização da arqueologia do presente, segundo esses autores, essa arqueologia:

Considera que os discursos científicos, dentre eles os arqueológicos, são discursos de poder, que partem de ontologias ocidentais modernas e, na medida em que reconhecemos que não há ciência isenta, estes discursos precisam ser desnaturalizados e questionados, a fim de que não se produzam, nem se legitimem relações desiguais, hierárquicas e opressoras sobre populações historicamente marginalizadas (Melquíades e Amaral, 2022, p. 438).

Conforme mencionado por Vitor Jorge (1990), a arqueologia antes sofria um complexo de inferioridade, em relação ao peso político de um saber, esses saberes se disputam dia-a-dia, em concorrências com outros saberes, por todo os meios ao seu alcance em uma sociedade democrática. Contendo-se em apenas na contextualização materialista, explorando raramente aspectos da diversidade culturais mais amplas. Esse autor afirma a relação dos saberes que partem além desses discursos de poder das ontologias ocidentais modernas, que são saberes de:

Realidades históricas, resultam de compartimentações herdadas, sem nada de necessário ou de “natural”, e eternizam-se a maior parte das vezes como tais em resultado dos interesses dos seus detentores. São carreiras, empregos e outras formas de organização da comunidade científica que estão em causa, implantadas no terreno, cada uma com suas clientelas e com seu maior ou menor impacto social. São “corredores” por onde se pode ascender numa certa hierarquia, com suas regras próprias. Por isso, se declararmos que a

Arqueologia não é, ou não deve ser, um domínio secundário ou marginal, mas uma forma própria de fazer história e de perspectivar a realidade humana, estamos a tomar uma importante posição no jogo político dos saberes, no âmbito das ciências sociais. Estamos a admitir que ela é uma atividade aberta, porosa em relação a outras disciplinas, e capaz de lhes disputar um papel de relevo no conjunto da cultura contemporânea (Vitor Jorge, 1990).

A arqueologia traz para si a relação com saberes herdados de geração a geração. Historias enraizadas nas populações atuais, sua cultura e tradições permanentes até presentemente. Como menciona Santos (2020), referenciando-se a Olivier (2001), a arqueologia do passado recente só pode ser compreendida levando em conta suas “várias vozes”, em que a memória coletiva ou o testemunho de indivíduo é normalmente concedido apenas aos especialistas do passado. Considerando a problematização em relação à significação presente dos vestígios do passado e com a diversidade de interpretações. O autor ressalta essa questão da construção da interpretação arqueológica, que constitui um aspecto essencial do procedimento interpretativo da arqueologia contemporânea (Olivier, 2001 apud Santos, 2020).

Silva (2017), mencionando González-Ruibal (2006, 2014) e Pyburn (1998), reafirmando a relação ao estudo passado/presente que deve abandonar a perspectiva ocidental de um tempo evolutivo e unilinear. “A todo o momento, o passado encontra-se no presente e, em linhas gerais, o presente é composto por uma mistura de passados, de modo que se deve reconhecer a existência de outras temporalidades com ritmos próprios” (Silva, 2017, p.180). Oliver (2004), caracteriza o tempo linear ligado a história tradicional, diferenciando da arqueologia que pode se transcender a unilinearidade do tempo histórico tradicional, devido ao estudo da memória, sendo esta considerada a principal fonte de múltiplas temporalidades (Oliver, 2004 apud Silva, 2017).

A arqueologia não é uma disciplina histórica padrão, ela pode sobreexceder essa linha temporal que segue a história, inexoravelmente, para o passado ou futuro. Em relação aos estudos dessas múltiplas temporalidades da arqueologia, entre elas podemos citar a arqueologia do passado recente que tem como estudo à certas proximidades com o nosso tempo presente; já a arqueologia do presente estuda a relação com o agora, estabelecendo uma diferença entre a proximidade e identidade, afirmando que as “práticas arqueológicas são a noção de que existem múltiplas arqueologias e que estas não dizem

respeito exclusivamente ao passado, mas remetem ao presente e futuro dos coletivos humanos” (Melquíades e Amaral, 2022 p. 445).

Arqueologia do Presente, mencionada por Melquíades e Amaral (2022), referenciando-se a Politis (2002), “trabalha com ontologias, materialidade e temporalidades diversas e, por conseguinte, está lado a lado com a etnoarqueologia”. Não como uma etnoarqueologia no modelo processual, baseada nas teorias de médio alcance, mas como uma etnoarqueologia entendida como etnografias para uma ampliação do repertório e do horizonte criativo pelo arqueólogo (Politis, 2002, p.73 apud Melquíades e Amaral, 2022 p. 439).

Silva (2017) aponta ideias mais recentes que compõem a etnoarqueologia como uma arqueologia do presente, ele ressalta, que seu objetivo é apenas fornecer bases teóricas para pensar uma arqueologia, em que o tempo seja uma variável secundária diante do estudo da materialidade. Para esse autor a etnoarqueologia é uma importante ferramenta para uma reflexão profunda sobre os aspectos que a caracterizam a arqueologia do presente (Silva, 2017).

A etnoarqueologia tem ampla diversidade teórico-metodológica com inúmeras perspectivas que a desenvolvem. Silva (2017), ressalta dois aspectos que sobressaem e ganham destaque: “o primeiro é o avanço do capitalismo sobre as populações tradicionais, e o segundo trata-se de uma etnoarqueologia, voltada para a defesa dos direitos desses grupos” (Silva, 2017, p. 178). Para ele, uma etnoarqueologia, encarada como uma arqueologia do presente, “deve comprometer-se com os grupos estudados e, também, com suas demandas, sejam elas de qualquer natureza” (Silva, 2017, p. 179). O autor ainda ressalta a linha de estudo de cultura material como outro aspecto que contribui para sua diversidade teórica, colaborando significativamente para o desenvolvimento de uma etnoarqueologia voltada ao estudo da materialidade e das pessoas (Silva, 2017).

Como menciona Santos (2020), a arqueologia do presente oferece uma gama variada e interessante de possibilidades. Suas aplicações podem ser direcionadas para diversas áreas, como a arqueologia urbana, gestão, universidade, instituições públicas,

associações, etc. Esse autor menciona Olivier (2001)<sup>2</sup>, em relação ao patrimônio arqueológico, que diz:

O patrimônio arqueológico integra estruturas, construções, grupos de edifícios, locais desenvolvidos, bens móveis e monumentos de outra natureza, bem como o respectivo contexto, quer estejam localizados em terra ou debaixo d'água. Ou seja, os restos enterrados ou submersos, desde que eles fornecem informações sobre "a história da humanidade e sua relação com o ambiente natural". Este novo campo na disciplina se estende até os limites cronológicos estabelecidos pela história, ou seja, a nível mundial, desde o início do século XX até os dias atuais (Santos, 2020).

Conforme Santos (2020), referenciando-se Olivier (2001), os restos de um passado recente são vestígios arqueológicos totalmente distintos devido a nossa relação próxima com os lugares, objetos, modos de vida ou práticas que ainda são nossas e que alimentam uma identidade coletiva (Olivier, 2001 apud Santos, 2020). Devido a isso, o autor, ressalta que os estudos arqueológicos de períodos contemporâneos flertam diretamente com o campo da história, uma vez que seus objetos de estudo estão imersos na historiografia da nossa sociedade atual, levantando questões sobre os limites das práticas arqueológicas nesses contextos recentes (Santos, 2020).

De acordo com Funari (2007), a arqueologia histórica liga-se às noções de identidade, tratando de sociedades, garantidamente relacionadas ao arqueólogo (Funari, 2007). Ela considera uma série de fontes de informações em seus estudos de maneira específica. Suas principais fontes são os documentos escritos, arquitetura, imagens pictóricas, informações orais, artefatos e as estruturas (Orser Jr., 1992). Para ele, os vestígios arqueológicos podem ser interpretados de diferentes maneiras, de acordo com a perspectiva de estudo e do arqueólogo, podendo escolher esta ou outra perspectiva (Orser Jr., 1992).

Outro fator importante que complementa ao estudo da arqueologia histórica, abrindo-se diversas possibilidades teóricas e interpretativas para a arqueologia do presente, é o aspecto desenvolvido pela etnoarqueologia, o contato com as pessoas e as coisas. Como menciona Silva (2017), referenciando Gonzalez-Ruibal (2009) e Fewster (2013), que diz:

---

<sup>2</sup> The Archaeology Of The Contemporary Past. In BULCHI, V. GARVIN, L. (Eds). The Archaeology Of The Contemporary Past. Routledge.

A probabilidade de dialogar com a dinâmica de vida das pessoas e coisas e todos os movimentos que delas derivam – circulação, troca, consumo, significação, elaboração, agência, etc.. – torna a Etnoarqueologia um campo fértil para o desenvolvimento de perspectivas ontológicas, fenomenológicas, epistemológicas, multivocais, colaborativas, entre outras (Silva, 2017, p. 181).

Através dessas variáveis formas interpretativas que complementam o estudo da arqueologia do presente só mostram a importância de seu estudo. Essa arqueologia deve sempre comprometer com os grupos estudados, voltada à materialidade e as pessoas. É através dessa perspectiva que se embasa o estudo dessa pesquisa, com uma arqueologia voltada para estudo da prática que complementa uma identidade coletiva na atualidade.

## 2.2. Patrimônio Cultural

De acordo com Batista e Macedo (2008), a primeira categoria do patrimônio foi relacionada ao patrimônio histórico representado pelas edificações e objetos de arte. A noção de patrimônio histórico passou a ser assumida por patrimônio cultural, com a incorporação do cultural aliado ao histórico, trazendo para o conceito as dimensões do cotidiano e os feitos imateriais (Batista e Macedo, 2008).

A amplitude conceitual do patrimônio cultural está na definição antropológica de cultura, como mencionado por Batista e Macedo (2008), que se expressa em:

“Tudo o que caracteriza uma população humana” ou “no conjunto de modos de ser, viver, pensar e falar de uma dada formação social” ou ainda, como toda forma de expressão simbólica desse conhecimento através de ideias, da construção de objetos e das práticas rituais e artísticas. Os bens materiais e imateriais, tangíveis e intangíveis que compreendem o patrimônio cultural são considerados “manifestações ou testemunho significativo da cultura humana”, reputados como imprescindíveis para a conformação da identidade cultural de um povo (Batista e Macedo, 2008).

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, uma agência especializada das Nações Unidas com sede em Paris, fundada em 16 de novembro de 1945, foi de grande importância para a ampliação do conceito e da preservação do patrimônio cultural, visando promover a paz e os direitos humanos com base na solidariedade intelectual e moral da humanidade, incentivando a cooperação entre os Estados-Membros e assim, desenvolver um programa internacional de preservação do patrimônio cultural de cada país e de defesa da diversidade mundial das culturas. Essa organização propôs formular diretrizes, definir critérios e prioridades para a proteção do

patrimônio cultural, passando a ser empregado nos foros internacionais ainda na década de 1950 (Batista e Macedo, 2008).

Os bens não físicos, os de natureza imaterial, inicialmente nomeados como “folclore”, destacaram-se no ano de 1952 como marco do início dos debates dentro da instituição relativos à proteção de mais manifestações culturais (Fabrino e Duarte, 2022). Através dessa ampliação do conceito de patrimônio cultural, novos contextos e demandas passaram a ser debatidos nesse período, com o questionamento dos critérios de proteção adotados pela instituição e a necessidade de um instrumento internacional para proteção dos bens imateriais.

Segundo Fabrino e Duarte (2022), o patrimônio imaterial é apropriado e definido com grande força a partir dos anos de 1980, pelo “Bloco-Sul”, formado por países da América Latina, África, nações do Sudeste Asiático e China. Os países africanos e latino-americanos vincularam a ideia de que a maioria dos patrimônios destes países se encontrava em seus “rituais, festas, saberes ainda não registrados, línguas, enfim, expressões artísticas e culturais muitas vezes efêmeras, com poucos registros e sistematizações que ficavam pouco visíveis ou mesmo ocultas” (Abreu, 2014, p. 15 apud Fabrino e Duarte, 2022, p. 259).

Essa múltipla forma de manifestações culturais é reconhecida no ano de 1982, na Declaração do México, em sua Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais ICOMOS - Conselho Internacional de Monumentos e Sítios. A conferência:

Concorda em que, no seu sentido mais amplo, a cultura pode ser considerada atualmente como o conjunto dos traços distintivos espirituais, materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade e um grupo social. Ela engloba, além das artes e das letras, os modos de vida, os direitos fundamentais do ser humano, os sistemas de valores, as tradições e as crenças. Concorda também que a cultura dá ao homem a capacidade de refletir sobre si mesmo. É ela que faz de nós seres especificamente humanos, racionais, críticos, e eticamente comprometidos. Através dela discernimos os valores e efetuamos opções. Através dela o homem se expressa, toma consciência de si mesmo, se reconhece como um projeto inacabado, põe em questão as suas próprias realizações, procura incansavelmente novas significações e cria obras que o transcendem (Declaração do México, 1982).

Compreendendo o patrimônio cultural com suas múltiplas formas, de natureza material e imaterial, que expressam a criatividade de um povo, como as crenças, os ritos, os lugares e monumentos históricos. Tornando assim, a noção mais contemporânea da

definição em relação ao patrimônio, explicitando que “qualquer povo tem o direito e o dever de defender e preservar o patrimônio cultural, já que as sociedades se reconhecem a si mesmas através dos valores em que encontram fontes de inspiração criadora” (Declaração do México, 1982, p. 03).

Nessas múltiplas formas de manifestações culturais, podemos citar a cultura tradicional e popular, tratada na 25.<sup>a</sup> sessão da UNESCO, reunida em Paris entre os dias 17 de outubro e 16 de novembro de 1989. Essa Conferência adota recomendação sobre a sua salvaguarda, visto que a cultura tradicional popular faz parte do patrimônio universal da humanidade. Entende-se como cultura tradicional e popular, conjuntos de criações que emanam de uma comunidade cultural fundada na tradição, que expressa sua identidade cultural e social. Sua tradição com normas e valores se transmitindo oralmente passada em geração a geração. Compreendendo de diversas formas como os costumes, os rituais, o artesanato e outras formas de expressão e arte. Ressaltando a relação social e simbólica das pessoas e da própria comunidade com sua diversidade e valores, de seus diferentes bens culturais e práticas sociais (UNESCO, 1989).

Já no início da década de 1990, o Japão teve um destaque nas políticas em relação ao patrimônio cultural, devido sua legislação específica, voltada ao estímulo da transmissão do saber-fazer. Ressaltando assim que não poderiam apenas preservar os bens materiais sem manter a preservação dos bens imateriais, já que muitas das vezes o conhecimento e as técnicas são herdados e transmitidos entre as gerações em forma oral, a maioria não sendo registrada. Resultando uma nova influência de prática e política patrimoniais na UNESCO, com a elaboração do programa de incentivo à transmissão de conhecimentos, como o Programa de Tesouros Humanos Vivos, lançado em 1993. Como a carta de Nara de 1994, que menciona a diversidade de patrimônios como tangíveis e intangíveis, uma nova perspectiva para a sua preservação, como também aos sujeitos que os produzem (Fabrino e Duarte, 2022).

O patrimônio em sua natureza intangíveis também possuem suas diversidades culturais, na Conferência da UNESCO no ano de 2001 em seu artigo 1, afirma que:

A cultura adquire formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade se manifesta na originalidade e na pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade. Fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade, a diversidade cultural é, para o

gênero humano, tão necessária como a diversidade biológica para a natureza. Nesse sentido, constitui o patrimônio comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada em benefício das gerações presentes e futuras (UNESCO, 2001).

Assumindo assim diversas formas culturais, sendo ela fonte de criatividade que caracteriza grupos e sociedades. Essa diversidade é o testemunho da experiência, do costume, da tradição, que estão enraizados em sua vivência, em sua identidade cultural. É através dela que podemos entender um determinado povo.

No ano de 2003, a UNESCO reconhece a importância do patrimônio imaterial como fonte de diversidade cultural e a salvaguarda da cultura tradicional e popular. Assim como a correlação que existe entre o patrimônio cultural material, imaterial e natural. Em seu artigo 2, em relação às definições para fins da Convenção para a salvaguarda do patrimônio imaterial, aponta em relação ao patrimônio imaterial:

Entende-se por “patrimônio cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. Para os fins da presente Convenção, será levado em conta apenas o patrimônio cultural imaterial que seja compatível com os instrumentos internacionais de direitos humanos existentes e com os imperativos de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos, e do desenvolvimento sustentável (UNESCO, 2003).

O patrimônio cultural imaterial se manifesta nos campos de tradições e expressões orais, incluindo o idioma como veículo do patrimônio cultural imaterial; expressões artísticas; práticas sociais, rituais e atos festivos; conhecimentos e práticas relacionados à natureza e ao universo; e técnicas artesanais tradicionais. Nesse documento entende-se por salvaguarda:

As medidas que visam garantir a viabilidade do patrimônio cultural imaterial, tais como a identificação, a documentação, a investigação, a preservação, a proteção, a promoção, a valorização, a transmissão – essencialmente por meio da educação formal e não-formal - e revitalização deste patrimônio em seus diversos aspectos (UNESCO, 2003).

Essa Convenção de 2003 da UNESCO conduziu um melhoramento nas resoluções internacionais existentes em relação ao patrimônio cultural, complementando, assim, novas disposições relativas ao patrimônio cultural. Afirmando a necessidade de

conscientização da importância do patrimônio material e imaterial com sua devida salvaguarda, principalmente para novas gerações. Já que a inestimável função que o patrimônio cultural cumpre é o fator da aproximação, da troca recíproca e do entendimento entre os seres humanos (UNESCO, 2003).

O conceito de patrimônio com a ampliação dos bens culturais imateriais é a forma mais complexa dos nossos bens patrimoniais, com ela podemos afirmar que o patrimônio não serve apenas para simbolizar, representar ou comunicar, mas também para agir, já que o patrimônio constrói e forma as pessoas (Fabrino e Duarte, 2022). Podendo, assim, ter diversos sentidos ou significados, sendo de suporte tangíveis ou intangíveis.

Essa noção foi promovida pela mudança conceitual do patrimônio cultural surgida a partir da década de 1970, e mais conceituada a partir dos anos de 1980, quando vincularam a ideia que a maioria de seu patrimônio se encontrava em seus rituais, dança, saberes e outras manifestações culturais imateriais. Trazendo assim, uma grande mudança com uma visão voltada as questões sociais, capaz de reconhecer as múltiplas formas de manifestação culturais. Que resultou em elaboração de documentos com objetivo de sua identificação e preservação, como a Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, de 2003.

Na legislação brasileira um dos primeiros conceitos de patrimônio cultural foi trazido pelo Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937 que constituía em organizar a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional, em relação aos “conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país, cuja conservação seja de interesse público e cuja vinculação, seja de fatos memoráveis da História do Brasil; quer seja por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico” (Resende, 2017, p. 198). Para Batista e Macedo (2008), a importância da promulgação desse Decreto-Lei, reside no fato de que organizou a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional e instituiu o instrumento do tombamento (Batista e Macedo, 2008).

A conceituação atual de patrimônio cultural acabou estabelecendo a existência de duas categorias distintas. A primeira categoria é a mais antiga e tradicional, referente ao patrimônio material, que engloba as construções de pedras, obeliscos, esculturas, acervos documentais e museológicos, arqueológicos, como também outros itens das belas-artes.

E o segundo refere-se ao patrimônio imaterial que veio sendo mais conceituado a partir dos anos de 1980, que abrange regiões, paisagens, comidas e bebidas típicas, danças, manifestações religiosas e festividades tradicionais (Resende, 2017).

Com a ampliação da conceituação do patrimônio cultural com o patrimônio imaterial, de natureza intangível, tiveram que ampliar a legislação patrimonial do Brasil. Já que a política de identificação e preservação foi desenvolvendo desde 1937, era apenas em relação aos bens de natureza material, sendo inadequado à preservação de manifestações culturais com vínculo maior a sua natureza imaterial e simbólica. Com a Constituição Federal de 1988 foi ampliada a legislação brasileira em relação ao patrimônio cultural do Brasil, com o “marco de vanguarda jurídica, ao trazer para nosso ordenamento os conceitos internacionais de patrimônio cultural, ampliando o leque de bens passíveis de proteção, incluindo a proteção sobre os bens imateriais, de natureza intangível” (Batista e Macedo, 2008, p. 247).

Constituindo os bens patrimoniais de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira (BRASIL, 1988, p. 126). Nos quais se incluem:

I - As formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (Constituição Federal, 1988).

Segundo o Instituto Brasileiro do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, referenciando o Artigo 206 da Constituição Federal de 1988, o patrimônio cultural abarca tanto os bens materiais, entre os quais os sítios arqueológicos, obras arquitetônicas, urbanísticas e artísticas, assim como nas manifestações de natureza imaterial das celebrações e saberes da cultura popular, as festas, a religiosidade, a musicalidade e as danças, as comidas e bebidas, as artes e artesanatos, mitologias e narrativas, as línguas, a literatura oral (Guedes e Maio, 2014). Corroborando e relacionando-se aos saberes, habilidades, crenças, práticas e o modo de ser dos grupos, situando-se, os bens de natureza material divididos entre bens móveis (objetos) e imóveis (construções e espaços).

Viana (2020), menciona em seu artigo intitulado “O conceito de patrimônio, perspectivas e contradições” com os bens materiais tombamento, a legislação os define em quatro livros:

- I. Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico;
- II. Livro do Tombo Histórico;
- III. Livro do Tombo das Belas Artes e;
- IV. Livro do Tombo das Artes Aplicadas.

Assim como os bens culturais imateriais pelo registro das manifestações culturais, que são classificadas em quatro livros:

- I. Livro de Registro dos Saberes;
- II. Livro de Registro das Celebrações;
- III. Livro de Registro das Formas de Expressão e;
- IV. Livro de Registro dos Lugares.

Essa organização e definição entre os bens materiais e imateriais possibilitou o melhoramento da conceituação e classificação do patrimônio cultural, assim como a sua preservação. Afirmando assim, que o patrimônio cultural é de natureza material e imaterial, é memória e identidade de um determinado grupo. É também hereditário passado em gerações, como seus saberes, suas festas, danças, as suas várias formas artísticas. É importante ressaltar que o patrimônio cultural não serve apenas para simbolizar, representar ou comunicar, mas também para trazer um lembrete de agir para sua preservação. Como menciona Zanirato (2015), “as razões para sua proteção são múltiplas e se encontram na história, na memória, nos saberes e práticas considerados representativos da coletividade” (Zanirato, 2015, p. 117).

### 3. TERESINA ÀS MARGENS DOS RIOS

Teresina está localizada na Mesorregião Centro-Norte Piauiense, com uma latitude de 05°05'20 sul e longitude de 42°48'07 oeste. Localiza-se próximo à divisa com o Maranhão, ao oeste do estado, em uma altitude de 72 metros de elevação em relação ao nível do mar. Sua população estimada no ano de 2022, segundo o IBGE, era de 866.300 habitantes e Densidade Demográfica de 622,66 habitantes/km<sup>2</sup>. A cidade é separada do município de Timon (Maranhão) pelo Rio Parnaíba. A parte central da cidade está situada entre o Rio Parnaíba e o Rio Poti, pertencentes à bacia hidrográfica do Rio Parnaíba (Campos).

**Mapa 1** – Localização do Município de Teresina.



**Fonte:** Elaborada pela autora (2023)

A bacia do Parnaíba localiza-se na região nordeste ocidental do território brasileiro, ocupando uma área de 665.888 km<sup>2</sup>. Distribui-se pelos estados do Piauí, Maranhão, Pará, Tocantins, Bahia e Ceará (ANP, 2017). Conforme Bastos (1994), a Bacia

do Parnaíba constitui-se na 4ª maior bacia hidrográfica brasileira isolada, atrás apenas do Amazonas, Paraná e São Francisco. Segundo Lins (1978), a área do Estado do Piauí está quase inteiramente dentro da bacia, com 99,28%, da qual representam 77,87% (Lins, 1978, p.13 apud Gandara, 2008, p.53).

O rio Parnaíba, em todo seu percurso, é dividido em três bacias, as do Baixo, Médio e do Alto Parnaíba. É em seu médio que se estende da confluência da foz do Gurguéia à foz do Poti (no município de Teresina). Conforme Bastos (1994), o Médio Parnaíba começa na embocadura do rio Balsas junto à barragem da Boa Esperança, em Guadalupe, com largura de 100 m, ampliada para 200 m ao receber o Gurguéia e atinge a foz do Poti com 350 m. Em Teresina, entretanto, atinge a largura de 374 m, não recebendo afluentes maranhenses e tem poucas cachoeiras. Ao longo de sua margem temos os carnaubais e o babaçu, vegetação predominante (Bastos, 1994, p. 423 apud Gandara, 2008, p.64).

Já a nascente do rio Poti localiza-se entre o estado do Ceará e do Piauí, com uma área total de aproximadamente 52.270 km<sup>2</sup>, dos quais cerca de 42.500 km<sup>2</sup> encontram-se no espaço piauiense e 9.770 Km<sup>2</sup> no estado do Ceará, onde se localizam as nascentes principais do Poti, ou seja, o seu alto curso (Lima e Albuquerque, 2020). O rio Poti adentra o Estado do Piauí<sup>3</sup> pelo Município de Castelo do Piauí e desemboca no rio Parnaíba, pela margem direita, no município de Teresina. Com a extensão de 550 km, segundo a Agência Nacional de Águas (2004), o rio Poti tem sua nascente na região oeste do Estado do Ceará, na Serra dos Cariris Novos, na localidade Jatobá, a aproximadamente 800 metros de altitude (Brasil, 2004 apud Câmara, 2011).

A bacia hidrográfica do Poti corresponde a 21,25% da área da bacia hidrográfica do rio Parnaíba. Apresentava no ano de 2000 a maior taxa de urbanização, com cerca de 75% do total de sua bacia (PIAUI/SEMAR, 2010 apud Lima e Albuquerque, 2020). É um rio federal por percorrer espaços de dois estados brasileiros o Piauí e o Ceará (BRASIL/CRFB, 1988); e corresponde ao segundo maior afluente da margem direita do rio Parnaíba (Lima e Albuquerque, 2020). Assim como a bacia hidrográfica do rio

---

<sup>3</sup> Apresenta uma extensão total do curso de aproximadamente 550 Km, sendo 350 Km no espaço piauiense, 20 Km na área de litígio Piauí/Ceará e 180 Km no espaço cearense (BAPTISTA, 1975).

Parnaíba, a bacia hidrográfica do rio Poti encontra seções fluviais denominadas de Alto Curso, Médio Curso e Baixo Curso do rio Poti.

É importante ressaltar que, devido à formação de planícies fluviais do Poti se iniciar na localidade de Teresina, o município apresenta em seu território faixas de alargamentos. Transversalmente, podem ser bem identificadas pelo pronunciado talvegue resultante do aprofundamento do leito menor e sua homogeneidade de sedimentação tabular, em terraços fluviais que somente são inundáveis por ocasião de grandes cheias. O rio Poti encontra-se canalizado por avenidas em longos trechos, por aterramento de várias lagoas fluviais/ciliares, mudando sua dinâmica natural, principalmente no período chuvoso. Quando a vazão do rio aumenta e suas águas ficam impedidas de transbordar o leito menor de forma natural, faz ampliar sua energia remontante e causa maior desgaste nas suas curvas, aumentando sua carga de fundo e também transbordamento em bairros mais baixos, ou por galerias abaixo do nível de cheia, ou em áreas não edificadas (Lima e Albuquerque, 2020).

### 3.1.O papel dos rios na estruturação urbana

Teresina é uma cidade com raízes fluviais marcadas em sua história, a sua localização geográfica entre dois rios proporcionou e facilitou o desenvolvimento econômico através da navegação a vapor. Como afirma Gandara (2008), “os rios oferecem toda uma história, são embrião de cidades futuras”, apontando a relação das pessoas com a água.

Essa relação é dos aspectos fundamentais ao estudo dos rios e das pessoas que vai além da paisagem urbana, a combinação de suas diferentes características é a forma prática para compreender a relação das pessoas com os rios no seu complexo global de suas relações com o ambiente. Praticamente, a cidade é um objeto que abriga condutas que poderão revelar-se sujeito e objeto de uma história social e ambiental (Gandara, 2013).

Entendem-se os rios como produto e produtor histórico e social que tem relações com a sociedade e seu conjunto, com seus elementos constitutivos e com sua história particular. Conforme Gandara (2008), pode-se afirmar que os rios representam em suas paisagens geográficas as experiências e aspirações das pessoas no tempo e no espaço.

Trazem elementos que permanecem e expressam o seu cotidiano, costumes, poderes estabelecidos e culturas, de diversas temporalidades, que podem permanecer pela própria força da paisagem ou se transformar, ao representar novos significados.

A paisagem do espaço-rio Parnaíba se manifestará concretamente como testemunho de um momento, pois ele é um campo de representações simbólicas. É o lugar por excelência, da eficácia simbólica. É uma experiência contínua, egocêntrica e social, um espaço de movimento e um espaço-tempo vivido que se refere ao afetivo, ao mágico, ao imaginário (Gandara, 2008, p. 48).

Essas representações estão aplicadas através da relação dos rios com as cidades em suas beiras, são determinadas no cotidiano urbano. Segundo Gandara (2008), referenciando-se a Vanessa Brasil (1999), que compreende as representações dos rios para a população ribeirinha como práticas, sejam elas sociais, políticas, econômica ou culturais e, ao mesmo tempo, criadores de representações pelas pessoas para dar sentido a seu mundo (Brasil, 1999, p.38, apud Gandara, 2008, p.20). Nesse sentido, o rio é uma representação simbólica, pois é a partir dele que são realizadas as suas práticas cotidianas, e é através dessas práticas que a população ribeirinha passa a relatar suas histórias de vivências e lendas.

Em relação ao rio ser um meio sócio-culturais, Gandara menciona que:

Os rios são construtores de “mundos sociais” e acumulam uma boa quantidade de representações. Lugar onde as pessoas se abrem aos mistérios da natureza, ao patrimônio simbólico, possibilitando a interpretação como terreno da criação cultural, passagem de forças e encontro dos indivíduos. Servem de baliza ou marco quase mítico para estratégias sócio-culturais. A categoria rio representa um sistema, indicador da situação espacial, concebido com base nas relações entre natureza e pessoas. (Gandara, 2008, p. 93).

O simbolismo dos rios para as pessoas em sua volta é crucial para o entendimento do seu patrimônio material e imaterial. Os rios possibilitaram a escolha da nova capital do Piauí.

### 3.2. Teresina uma capital planejada

No período de 1850 até meados do século XX, o Piauí foi marcado por profundas transformações socioespaciais, com surgimento e ressurgimento de cidades ao longo do Parnaíba. Em 1832, teve início a criação de novas vilas no Piauí, como: Amarante, Barras, Jaicós, Piracuruca, Príncipe Imperial, Poti e São Raimundo Nonato (Rego, 2010). Essas transformações se iniciaram, segundo Gandara (2008), através da ideia de transferência à

capital. De acordo com Vilhena, o argumento da distância foi o principal ponto da crítica mudancista em relação à capital do Piauí. Oeiras nomeada capital em 1761, foi frisada nos documentos oficiais, nos relatos dos presidentes da Província, viajantes, historiadores, etc., como Província distante dos meios de transporte da época, para escoamento das riquezas e por não estar próxima dos grandes rios (Gandara, 2011).

Devido sua rede de estradas ser precárias com alcance modesto de comunicação entre as vilas, dificultando diversas atividades produtivas, Rego (2010) menciona:

Em razão dessas dificuldades, não foi possível desenvolver em Oeiras as condições necessárias ao bom funcionamento de um centro comercial capaz de fomentar o desenvolvimento econômico da Província, o que serviu mais tarde como justificativa para a transferência da sede do governo de Oeiras para a Vila Nova do Poti, situada às margens do rio Parnaíba. A mudança da capital tinha como objetivo possibilitar o crescimento econômico, a prosperidade financeira e a modernidade política de toda a região. A transferência fazia parte da estratégia criada para estabelecer um eixo espacial que ligasse a Província de Norte a Sul, tendo como diretriz a via de transporte natural – o rio Parnaíba – e Parnaíba como porto de escoamento para o oceano de suas atividades produtoras (Rego, 2010).

Para Gandara (2008), a representação baseada no encurtamento da distância, no desenvolvimento das comunicações, no desenvolvimento local foi substituída por outra gama de representações, tais como progresso, expansão, crescimento, modernidade. Para ele, por trás dos discursos e das representações atendia-se a um projeto capitalista em curso no país. Os discursos traziam embutido em suas ações a inserção do Piauí na política capitalista por meio da via líquida fluída e, posteriormente, com a implantação da navegação a vapor (Gandara, 2008). Tendo como objetivo a exportação de produtos agrícolas através das regiões às margens do rio Parnaíba e de seus afluentes, para trazer uma abertura de vias de comunicação e maior facilidade de transporte com o elemento principal a relação ao processo de inserção da economia piauiense ao contexto nacional e internacional (Queiroz, 1998, p. 15 apud Rego, 2010, p. 70).

É certo afirmar a interligação da transferência da capital e a implantação a vapor ao desenvolvimento econômico no segundo reinado e na primeira República, com objetivo de criar novas condições políticas e econômicas, para formar-se uma economia organizada nos moldes de um capitalismo do tipo nacional. Foi de fato uma estratégia política determinada, ou seja, a formulação de novas concepções que se assentavam num sistema nacional de comunicação; consolidação do sistema político brasileiro; integração

ao conjunto das nações independentes do mundo; crescimento do país; interligação e integração das várias regiões brasileiras e viabilidade econômica que implicavam na elaboração de uma estratégia política para a realização do desenvolvimento (Gandara, 2008).

A área correspondente para essa estratégia foi a vila do Poti, localizada entre o sistema fluvial Parnaíba–Poti. Segundo Silva (2020), antes a região era povoada por indígenas Potis. Apenas no final do século XVII, quando se tiveram os primeiros contatos com os colonizadores, e no século posterior, desenvolveu-se a povoação Barra do Poti, “que viviam da criação de gado e das culturas de subsistência pelo aproveitamento das áreas irrigáveis dos rios”. O autor ressalta que foi essa população de fazendeiros e vaqueiros o protagonista do processo de repovoamento, intensificando nas lutas, despovoamento e extermínio da região dos povos Potis (Silva, 2020).

No final do século XVIII, na Barra do Poti, iniciou-se a construção de uma capela em culto de reverência à Nossa Senhora do Amparo, que começou a ser erguida em 1797 e, em 1827, tornou-se a padroeira do povoado. Passou-se a reivindicar junto à Corte Portuguesa no início do século XIX, em projeto coletivo, a elevação do povoado à categoria de vila. Foi elevada à categoria de vila em 1832, denominada Vila do Poti (Silva, 2020). De acordo com Rego (2010), José Antônio Saraiva, desde sua posse como presidente da província do Piauí, aos 27 anos, em 1850, colocou em prática a missão da mudança da capital, “fixando sua atenção para a escolha do local mais adequado. Para decidir-se, visitou, em 22 de outubro de 1850, a Vila de São Gonçalo e a Vila do Poti” (Rego, 2010, p. 74).

Por não haver Igreja Matriz a Vila de São Gonçalo foi descartada, sendo a Vila do Poti como a escolha para o assentamento da nova capital, mesmo apresentando problema de enchente e inundações do rio Poti o local tinha como um grande atrativo, sendo a única via de escoamento das riquezas do Piauí para o Maranhão, já que ficava próxima à cidade de Caxias (Nunes & Abreu, 1995, p. 95 apud Rego, 2010, p. 74). Proporcionando e aproveitando o potencial da navegação pelo rio Parnaíba até o litoral, facilitando assim as “relações políticas e comerciais com a Corte e todos os centros de civilização do Império; e, ainda, por dispor de solo fértil, para ampliação da subsistência, também

entendida como saída do atraso econômico pelo beneficiamento agrícola da região” (Silva, 2020, p. 49).

Através dessa decorrência, a antiga Vila do Poti passou a se chamar de Vila Velha do Poti, atual bairro Poti Velho. Enquanto o novo foco populacional chamou-se Vila Nova do Poti, atual centro da cidade de Teresina, devido à autorização de sua transferência para um local que oferecesse mais segurança (Pereira e Moraes, 2014). Através da resolução nº 315 de 21 de 1852, foi autorizado a transferência da capital para a Vila nova do Poti, elevada desde logo à categoria de Cidade, com o nome de Teresina, em homenagem à imperatriz do Brasil, D. Teresa Cristina, esposa de Dom Pedro II (Dias, 2008 apud Lima, 2020).

Essa estratégia política da transferência da capital tinha como viabilidade o transporte fluvial para esboçar o escoamento da produção do interior para a orla marítima, tomando o meio mais rápido através do rio Parnaíba para integrar as vilas no plano de crescimento econômico, progresso e modernização, integrando e desenvolvendo o Piauí ao processo de expansão mundial do capitalismo (Rego, 2010). Em 1858, foi criada a Companhia de Navegação do Parnaíba. Com o apoio do governo imperial foram desenvolvidos as condições de melhoramento das vias fluviais com objetivo de torná-las economicamente produtivas, com investimento financeiro de supervisão para alguns rios brasileiros e a subvenção a empresas de navegação fluvial, com objetivo de viabilizar o trânsito de embarcações de maior porte (Fernandes, 2002).

Através dessa Companhia e com o consentimento do Conselheiro José Antonio Saraiva, que ocupava o cargo de ministro da Marinha, o governador Junqueira encomendou por conta da Província um vapor, o Uruçuí, construído no Rio de Janeiro, nos estaleiros da Ponta da Areia, de propriedade do Conde de Mauá (Barbosa, 1986. p. 57 apud Rego, 2010, p. 92). Em novembro de 1858, o Uruçuí começou sua viagem para o Piauí sob o comando do Tenente da Armada, Álvaro Augusto de Carvalho. Chegou à Amarração, atracou em Parnaíba a 31 de março de 1859, e em Teresina no dia 19 de abril de 1859 (Gandara, 2008 apud Rego, 2010). Serviu nove anos ininterruptos “cortando as águas do Parnaíba para o norte e para o sul, abarrotado de passageiros, rebocando barcaças pejudadas de mercadorias, levando aos portos de escala suprimentos, abastança, progresso, até que em 1867 naufragou” (Chaves, 1998, p. 70 apud Rego, 2010, p. 93).

No Museu do Piauí, encontra-se em seu acervo de exposição ao público uma réplica em miniatura do navio a vapor, construído para a “Empresa Fluvial Piahyense de Oliveira Pearce & CA”. Além dessa miniatura, o museu tem a mesa e o leme, pertencente ao navio, como podemos ver na figura a seguir:

**Figura 1** – Miniatura do navio a vapor.



**Fonte:** Larissa Andrade, 2024.

**Figura 2** – Mesa pertencente ao navio da empresa fluvial piauiense.



**Fonte:** Larissa Andrade, 2024.

**Figura 3** – Leme do navio da empresa fluvial piauiense.



**Fonte:** Larissa Andrade, 2024.

A transferência da capital para Teresina ocorreu em 1852<sup>4</sup> e o início da navegação a vapor em 1859, foram os principais fatores para se começar um processo de desenvolvimento, com participação ativa no comércio internacional, que demandava os produtos derivados do extrativismo vegetal.

Segundo Gandara (2008), Teresina foi a primeira cidade-capital brasileira planejada nos moldes da modernidade da época. A nova capital representava o progresso e a modernidade, em relação a propostas políticas, econômicas e socioculturais que promoveriam o desenvolvimento do estado do Piauí. Como menciona Gandara,

Chegar à teia de representações articuladas em torno da transferência da capital de Oeiras para Teresina é conseguir ver, na contramão da história, que a própria noção de modernidade está informada por um contexto de simbolização do espaço como lugar híbrido. Lugar de imensas possibilidades e identificação, lugar do novo e da inovação, local do encontro de mundos. Sabemos que, ao se tentar mudar de um lugar em busca de um estilo de vida mais satisfatório, em termos de localização, de comunicação e de economia tende-se a buscar as fronteiras que, por sua vez, configuram-se também em lugar venturoso, de futuro promissor (Gandara, 2011, p. 91).

De acordo com Gandara (2011), podemos afirmar em relação às representações articuladas da transferência da capital que o contexto de simbolização de um espaço para novas possibilidades em busca de oportunidade mais abrangente para um estilo de vida mais

<sup>4</sup> Data da fundação da Vila Nova do Poti que logo após muda o nome para Teresina.

satisfatório, como o autor menciona. Segundo ele, a partir da efetiva transferência da capital, a província do Piauí abriu-se para novas fronteiras, dada sua estratégica posição geográfica, e pelas condições oferecidas, tornou-se o ponto principal de convergência política, econômica e social da Província (Gandara, 2011).

É importante ressaltar a escolha da capital, que se deu em um lugar estratégico com condições necessárias para a criação de uma cidade. Teresina destinava-se a um grande futuro, pelo fato de margear o rio Parnaíba, o mesmo dividia todo o estado e que apresentava vantagens seguras aos intentos de fazer dele uma via fluída. Além de ficar acessível por todos os lados, circundada pelos rios Poti e Parnaíba. A navegação a vapor seria quem provocaria o despertar do lugar (Gandara, 2008).

Gandara (2008) menciona em relação à organização do núcleo numa área cuja topografia facilitava os movimentos fluviais e terrestres, conferindo-lhe excelentes potencialidades para se afirmar tanto como centro urbano quanto entreposto comercial. Seu desenvolvimento subsequente tiraria proveito das inovações típicas das novas economias, com sua posição geográfica favorável à agricultura de exportação e ao tráfego fluvial (Gandara, 2008).

### 3.3. Teresina e suas representatividades fluviais

Com a contextualização da influência dos rios para o assentamento de uma nova capital do Piauí, anteriormente apresentada, entendemos a importância dos percursos d'água para o desenvolvimento econômico. Mais apontaremos algumas maneiras que os rios são representados, como suas tradições socioculturais e a relação da população de Teresina com os rios.

Os rios se destacam por sua relevância na constituição de cidades, são utilizados como fontes de abastecimento, irrigação e escoamento da produção agrícola; importantes eixos de navegação, permitindo assim, conexão e relações comerciais entre diferentes localidades (Carneiro, 2019). Suas influências vão além do desenvolvimento econômico, são delineadores do traçado urbano, na construção da paisagem cultural, onde os rios tornam-se referenciais e promovem uma relação de identidade com as pessoas (Porath, 2004 apud Carneiro, 2019).

Castro (2023), em sua pesquisa de conclusão de curso em Arqueologia, intitulada “Racismo ambiental na comunidade tradicional da avenida Boa Esperança (PI) a partir da perspectiva da arqueologia comunitária”, menciona a relação da comunidade residente à avenida Boa Esperança com a construção da capital, a autora aponta a colocação dos próprios moradores, segundo eles, “é do barro das olarias da região que vieram os tijolos e as telhas que construíram Teresina” (Castro, 2023, p. 59). Já que é da argila dos rios que são fabricados os materiais de construção civil, tais como os tijolos, telhas, agregados leves, lajes cerâmicas, entre outros. Ressaltando assim, a utilização e o envolvimento dos rios na construção da área urbana (Nogueira, 2011).

O bairro Poti Velho se situa na zona norte de Teresina, é um bairro tradicional com uma vida cultural rica de diversidade, ela é caracterizada pelos seus moradores, como modos de fazer e viver próprios. Almeida e Costa (2022), trazem uma reflexão importante em relação às comunidades tradicionais localizadas na região norte, que até atualmente “se mantêm importantes tradições e manifestações culturais de grande significância, mas que, ao mesmo tempo, permaneceu pouco valorada e reconhecida por parte da cidade” (Almeida e Costa, 2022, p. 62). Como o bairro Poti Velho, que se encontra na confluência de dois rios da Bacia Hidrográfica Parnaibana Piauiense, na margem direita do rio Parnaíba e na margem esquerda do rio Poti (Lima, 2020).

Segundo a Secretaria Municipal de Planejamento, Orçamento e Gestão - SEMPLAN (2018), a população do bairro Poti Velho, em 2010, representava 0,49% da cidade de Teresina e ocupava a 68ª posição no número de população da cidade. Na última década, a população do bairro diminuiu 11,4% (SEMPLAN, 2018). O Poti Velho caracteriza-se, como comunidade pesqueira, oleira e ceramista, também vazanteiros, terreiros e muitas outras coisas. Da década de 1960 ao ano de 2010, o Poti Velho foi o lugar de intensa atividade oleira, inclusive, em função da ampliação urbana de Teresina. Paralelamente, ali se desenvolveu um artesanato cerâmico que resultou na instituição, pelo poder público municipal, de um Pólo Cerâmico (Pereira e Moraes, 2014).

Esse bairro é marcado pela sua religiosidade, tanto de religiões de matriz africanas como da cristã. Anualmente, é comemorado em 29 de junho o festejo em louvor a São Pedro, o padroeiro dos pescadores e guardião das chaves do céu.). No dia 29 de junho realiza-se uma procissão flúvio-terrestre, que se inicia em lanchas e barcas, sobre as águas

do Poti, partindo do cais do Iate Clube, também na urbana de Teresina, no bairro Matinha, e termina nas ruas do Poti Velho, quando a imagem de São Pedro chega à Igreja local (Pereira, 2014). É uma tradição religiosa da comunidade local, em homenagem ao padroeiro dos pescadores, no jornal Diário do Povo de 30 de junho de 2011, é mostrada a procissão de São Pedro no rio Parnaíba, onde a imagem de São Pedro saiu do cais do rio Parnaíba, no Troca-Troca, no Centro, para o cais do Poti, na zona Norte.

**Figura 4** – Procissão de São Pedro.



**Fonte:** Jornal Diário do Povo, 2011.

Os festejos em louvor a São Pedro ainda se mantêm até atualmente pela população. No ano de 2023, o Museu de Arqueologia e Paleontologia da UFPI, com o curso de Arqueologia, e o Museu da Resistência Boa Esperança, foram convidados a participar do festejo a São Pedro, através do Mestre Carpinteiro Senhor Celso, para a “XI feijoada dos pescadores” da Casa da Canoa. Através desse convite, foi realizada a exposição “Coisas de Pescador” ligada diretamente ao programa de extensão para elaboração do “Plano Museológico Participativo do Museu de Arqueologia e Paleontologia da Universidade Federal do Piauí” (PLAMPA-MAP/UFPI).

A exposição ocorreu no dia 29 de junho, nas margens do rio Poti, levando para a comunidade do bairro Poti Velho, “um pedaço do museu” com artefatos e fósseis que fazem parte do acervo do Museu de Arqueologia e Paleontologia da UFPI. Além de fotografias, vídeos, canoas, redes de pesca representativas tradicionais dos próprios pescadores e moradores da região, com auxílio dos próprios para a organização da exposição.

**Figura 5** – Exposição Coisa de Pescador.



**Fonte:** Larissa Andrade, 2023.

Os moradores do bairro Poti Velho, em sua maioria tem uma forte ligação com o rio ao seu entorno, suas práticas tradicionais socioculturais tem o rio como meio condutor dessas manifestações culturais, destacando-se a pesca, fabricação de cerâmica, construção de canoa, entre outro, que forma identidade cultural da região. O rio, tendo uma influência simbólica. Costa (2006), faz um apontamento de que compreender “o rio urbano como paisagem é também dar a ele um valor ambiental e cultural” (Costa, 2006, p.12 apud Carneiro, 2019, p. 70). Tendo a compreensão de que o rio e a cidade são paisagens com alteração através do tempo, mas com propósito entrelaçado, envolvendo as pessoas com o seu entorno, carregadas de significados que ficam gravadas nas memórias. É dos rios que se retira argila para a fabricação da cerâmica, do rio que vem o sustento dos pescadores, surgindo assim a necessidade de construir uma canoa para que os pescadores possam navegar e pescar em suas águas.

É através dos rios que se encontram essas práticas tradicionais que formam a herança patrimonial da região do Poti Velho, ligando ainda mais os rios com as pessoas. As práticas tradicionais de pesca, de olaria e de cerâmica foram consolidadas desde o século XVIII na região do encontro dos rios Poti e Parnaíba em Teresina, devido à abundância de peixes e jazidas de argila. A prática de fabricação de peças artesanais em cerâmica atribuída posteriormente através da extração de argila na Lagoa dos Oleiros, por muitos anos foi a principal fonte de renda da maioria da população, principalmente do Poti Velho. O artesanato em cerâmicas iniciou-se com a fabricação de filtro para água, na

década de 1960, pelo artesão Raimundo Camburão, modificando assim a identidade do local (Falcão et al., 2016). Atualmente, devido ao declínio gradual do uso do filtro artesanal, surgiram novas produções de cerâmicas voltadas para peças decorativas, além das utilitárias.

No Museu do Piauí, em sua seção de barro, são expostas cerâmicas do Polo Cerâmico do Poti velho, corroborando o trabalho da realização da produção e a queima da cerâmica.

**Figura 6** – Seção de barro no Museu do Piauí, representando a produção da Cerâmica.



**Fonte:** Larissa Andrade, 2024.

**Figura 7** – Processo da queimação da cerâmica no Museu do Piauí.



**Fonte:** Larissa Andrade, 2024.

Em 1998, com a criação da Associação dos Ceramistas do Poti Velho (ACEPOTI) e a realização de cursos de capacitação direcionada ao artesão em 2004, como cursos e

consultorias em gestão, produção, design, para que os ceramistas passassem a voltar sua produção também para a necessidade de mercado nacional. Ministrada pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), consolidou-se na região o ofício de fabricação de cerâmica, atraindo assim, as novas gerações para a sua perpetuação (Falcão et al., 2016).

Outra prática tradicional do bairro Poti Velho é a pesca artesanal local, ela é caracterizada pela “utilização de técnicas rudimentares como canas, pequenas redes e arpões, e de embarcações de pequeno porte, destinadas ao mercado local ou ao autoconsumo” (Falcão et al. 2016, p. 04). Os autores destacam que a prática de pesca artesanal se encontra bastante ameaçada atualmente, devido ao grau de poluição presente nos rios, causada pelas ocupações irregulares, associados ao volume das chuvas e esgotos ao ar livre.

Além do descaso em relação ao grau de poluição nos rios, até o ano de 2016, os pescadores sofriam com a ausência de um local para a comercialização de suas mercadorias, antes vendidas na rua, sem uma estrutura de mercado apropriada para a comercialização dos peixes (Falcão et al., 2016). Em 2017, a população recebeu um espaço estruturado e adequado para a comercialização de pescado, o “Mercado do Peixe”, localizado no cruzamento da Rua Cedro com Alameda João Isidoro França, próximo à ponte Mariano Gayoso Castelo Branco, que liga o Poti Velho à região da Santa Maria da Codipi (Cidade Verde, 2017).

**Figura 8** – Mercado do Peixe.



**Fonte:** Larissa Andrade, 2024.

Mas deixa-se evidente a representatividade do rio com as pessoas, todas essas práticas tradicionais que compõem a herança patrimonial da cidade de Teresina têm uma relação com o rio, deixando esclarecido que Teresina tem fortes raízes fluviais em sua cultura. Ressaltando a influência dos rios além de uma estratégia econômica para o estado, mas sim um complemento de vários fatores.

Além das pescarias artesanais e das cerâmicas, o bairro Poti Velho traz em sua herança patrimonial a prática tradicional de construção de canoas. Uma tradição passada de geração a geração, como menciona Adomilli (2019), os carpinteiros navais têm ligação com o ofício passado geracionalmente pelos pais, assim como “o aprendizado do ofício também pode ser passado por um irmão mais velho ou por meio de outras redes de parentesco, ou amizade, estas por meio da realização do trabalho de ajudante do carpinteiro naval” (Adomilli, 2019, p. 128). Essa prática da construção naval de canoas do Poti velho é o objeto de estudo dessa pesquisa, que será abordada no capítulo seguinte, através de entrevista e acompanhamento realizados em diferentes dias de visita, com o mestre carpinteiro Senhor Celso Filho, Daniel e Fernandes. Além de contar com a disponibilidade e depoimento da experiência do artista Ulisses de Andrade Lima, em relação a sua trajetória profissional na carpintaria naval em miniatura. Este acompanhamento e as entrevistas foram fundamentais para a coleta de informações que não estão disponíveis em livros, artigos e outras fontes.

## **4. OS SABERES DOS CARPITEIROS NAVAIS EM TERESINA, PIAUÍ, BRASIL**

### **4.1. História Oral**

Nesse capítulo, foi feito o registro da história oral, tomando como base os depoimentos e entrevistas, além do acompanhamento de visita à Casa da Canoa, com o Senhor Celso, o principal colaborador da pesquisa. Guarinello (1998) traz uma discussão em relação ao termo de “história” e “oral”, segundo ele:

Há uma tensão permanente entre esses dois termos, um conflito de hegemonias. A predominância do "oral" aproxima a disciplina da sociologia, da antropologia e, sobretudo, da psicologia e dos mecanismos da memória individual. A preponderância da "história" transforma-a em recurso heurístico, um entre tantos meios de se obter informações sobre o passado e que, a rigor, teria sido empregado pelos historiadores desde Heródoto. Entre esses dois pólos, a "história oral" corre os riscos, ou de se fundir no seio das Ciências Humanas, numa interdisciplinaridade ilimitada que ameaça sua identidade, ou de submeter à História, como simples método de coleta de informações (Guarinello, 1998, p. 62).

Guarinello (1998) faz um apontamento em relação a esses dois termos com relação à posição da história e da arqueologia, já que a história oral é voltada para o passado, para a produção de memória a partir dos vestígios do pretérito existentes no presente. O que diferencia a história oral e a história é “precisamente, a natureza dos vínculos que a unem ao passado. Ao mesmo tempo dos vestígios sobre os quais se debruçam e dos documentos que produzem a partir desses vestígios” (Guarinello, 1998, p. 62).

Segundo esse autor, a história oral não se utiliza apenas de vestígios físicos, mas de memórias vivas, de indivíduos precisos, que as produzem segundo as demandas da comunicação oral. A história oral, sendo uma zona de fronteira entre o pesquisador e o mundo real, “entre a memória legítima, cientificamente produzida, dos historiadores, e as memórias individuais, no que tem de pessoal e de coletivo” (Guarinello, 1998, p. 63). Tendo como linha da frente essas memórias, o conhecimento e as vivências que pode adquirir apenas através da pesquisa, sendo de interesse tanto para os arqueólogos quanto para os historiadores.

Para Alves (2016), “a história oral caracteriza-se como uma metodologia de pesquisa que busca ouvir e registrar as vozes dos sujeitos excluídos da história oficial e inseri-los dentro dela” (Alves, 2016, p. 03). As entrevistas coletadas através da história oral são fontes para conhecer o presente e o passado, como testemunha da larga aplicação

do método nas ciências sociais. Pesquisas no âmbito da história oral consistem “na gravação de entrevistas de caráter histórico e documental com atores e/ou testemunhas de acontecimentos, conjunturas, movimentos, instituições e modos de vida da história contemporânea” (Alberti, 2003, p. 01).

#### 4.2. Carpintaria Naval

Uma embarcação é um artefato elaborado pelo homem, como o meio de atingir um ou vários objetivos, como: buscar alimentos, transportar coisas e pessoas, atacar ou defender, etc. Tendo diversas formas, indo de acordo com funções específicas e necessidades humanas em seu cotidiano, ela é alterada também por mudança ambiental ou novas necessidades. De acordo com Lins Junior (2015), quando os primeiros europeus chegaram ao Brasil, em princípios do século XVI, encontraram uma população indígena com um vasto conhecimento náutico e detentora de embarcações como jangadas, canoas de casca e monóxilas (Lins Junior, 2015). A canoa foi um dos artefatos da cultura material dos indígenas, adotada e inserida como objeto dentro da evolução cultural do novo mundo (Lins Junior, 2015).

No Centro de Artesanato Mestre Dezinho em Teresina – PI, uma série de 54 painéis de pinturas com sequência histórica, do artista Jeovah Santos, com a história da colonização do Piauí. Em um dos painéis, mostra a utilização e construção de uma canoa no que parece ser o período colonial, afirmando o uso da canoa nesse período.

**Figura 9** – Canoa concluída representada em painel no centro de artesanato Mestre Dezinho.



**Fonte:** Larissa Andrade, 2024

**Figura 10** – Etapa de forramento da canoa em Painei.



**Fonte:** Larissa Andrade, 2024.

Atualmente, as canoas são transportes fluviais, elas são encontradas em diversas cores e tamanhos, dando energia própria aos rios. Elas são tradicionalmente produzidas pelos trabalhadores da construção naval, é através deles que as embarcações regionais resistem na manutenção do saber e do fazer artesanal que tende a se perder com o tempo, uma vez que não se tem o registro dessa experiência enquanto prática cultural (Silva e Scherer, 2018).

Por ser uma tradição repassada oralmente aos filhos ou aos interessados mais próximos, são inexistentes os registros das técnicas, das etapas, das plantas e gráficos ou outras orientações mais básicas da construção dessas embarcações (Silva e Scherer, 2018). Como é mencionado por Gualberto (2013), a herança cultural da carpintaria naval é presente no cotidiano, ela não se perdeu, pois está viva, apesar da falta de políticas públicas que valoriza a atividade da carpintaria naval, como também pela falta de organização jurídica entre seus membros.

A carpintaria naval é uma tradição que resiste em se manter, mesmo se modificando com o passar do tempo, ela se adapta e mantém sua essência genuína. Uma dessas adaptações é a modernização dos equipamentos de trabalho, antes utilizava-se as ferramentas manuais, atualmente já se utilizam as ferramentas elétricas (Silva e Scherer, 2018, p. 303 apud Hobsbawm e Ganger, 2012, p. 16). Essa adaptação no trabalho é uma forma de melhoria para facilitar a construção da embarcação, sem perder sua essência,

com novas formas auxiliares de construção se tornando um meio eficaz de melhorar o decorrer e acelerar o trabalho, com o saber se adaptando com a modernidade de sua época.

#### 4.3. Tradição da carpintaria naval da Casa da Canoa

Na zona norte de Teresina, embaixo da ponte Antônio Mariano Castelo Branco, bairro Poti Velho, encontra-se a Casa da Canoa, a oficina de trabalho dos construtores navais. Em frente à Casa da Canoa, é possível ver diversas canoas ancoradas na beira do rio Poti. O local também é ponto onde os pescadores saem e voltam; por isso contém canoas ali.

**Figura 11** – Casa da canoa.



**Fonte:** Larissa Andrade, 2024.

A tradição da carpintaria naval em Teresina é passada de geração em geração. O mestre Celso da Silva Rios, pai do principal colaborador da pesquisa também de nome Celso, conhecido como mestre Cecé, aprendeu o ofício com o mestre da época sem parentesco João Marcos de Sousa. Segundo uma reportagem do jornal Meio Norte (2002), o mestre Cecé começou a construir canoas por volta dos 20 anos, inicialmente para fazer uma canoa para si. No entanto, ele se apaixonou pela profissão e continuou a praticá-la, mesmo enquanto trabalhava como vigia no serviço público. A carpintaria naval se tornou seu sustento ao longo da vida, e ele construiu canoas por mais de 50 anos. Mestre Cecé transmitiu o ofício a seu filho, Celso da Silva Rios Filho, e a seu neto, Daniel da Silva Costa (Meio Norte, 2002).

Figura 12 – Mestre Cecé.



Fonte: Jornal Meio Norte, 2002.

Atualmente, a herança cultural da carpintaria naval está na terceira geração da família do senhor Cecé. O senhor Celso, filho do mestre Cecé começou a construir canoas aos 12 anos, assim como Daniel, sobrinho do Senhor Celso, que aprendeu aos 20 anos com seu avô e seu tio. Hoje em dia, a tradição se mantém com o mestre senhor Celso, que trabalha há mais de 40 anos construindo canoas; Daniel, que está há 22 anos na carpintaria naval; Fernandes que tem 3 anos de experiência ajudando e aprendendo; e Juan, o mais novo dos construtores, que trabalha apenas um turno por dia devido à sua frequência no ensino médio.

Figura 13 – Fernandes, Daniel e Senhor Celso.



Fonte: Larissa Andrade, 2024.

Entre os dias 15 a 18 de abril de 2024, foi realizado o acompanhamento da construção de uma canoa. Durante esse período, foi possível observar de perto os materiais utilizados e os métodos de trabalho adotados por eles. As ferramentas utilizadas na construção da canoa incluíram: banca de disco, serra de volta, grampo, furadeira, enxó, martelo, lixadeira, plaina elétrica, plaina elétrica de mão e o serrote. Outros materiais como: esquadro, trena, pregos, pincel, lápis, borracha, plástico, massa acrílica, manta de vidro, resina de fibra de vidro, bitola, vertex fosco verbras, protetor facial, luvas látex, bota, máscara respiratória de pintura e tinta.

Na construção da embarcação, durante os dias de acompanhamento<sup>5</sup>, foram realizadas diversas etapas de construção, incluindo:

- I. **Cavernas:** nessa etapa, foi realizado o desenho na madeira pequi (*Caryocar brasiliense*) com um molde de caverna próprio para a canoa, para assim recortar na banca de disco e finalizar o corte com a serra de volta para sua curva desejada. No caso da construção da canoa, cujo processo foi acompanhado, foram 13 casas de cavernas, totalizando 26 braços.

**Figura 14** - Desenho e o corte realizado na banca de disco das cavernas.



**Fonte:** Larissa Andrade, 2024.

---

<sup>5</sup> O acompanhamento dessa construção, foram todas descritas com fotos e informações detalhadas dos dias de acompanhamento a Casa da Canoa, em apêndice dessa pesquisa.

**Figura 15** – Uma casa de Caverna com a junção de dois braços.



Fonte: Larissa Andrade, 2024.

- II. **Armação da canoa:** nessa etapa é realizada a metragem da tábua do meio, assim como a numeração e colocação das cavernas nessa tábua. As outras duas tabuas são também colocadas e pregadas com pregos em cada braço das cavernas. Entrando assim, com um cordão amarrado nas duas pontas para fazer a curva da canoa com a sua junção. Nessa etapa são feitos o desenho e o corte da proa e da popa da canoa, elas são colocadas logo após a junção das pontas com o cordão, sendo em seguida a colocação das casas das cavernas restantes de numeração 10,11,03,01. Quando a canoa já está armada, são colocados os bancos e dormente da canoa.

**Figura 16** - Amarração nas pontas das tábuas para o formato da curva.



Fonte: Larissa Andrade, 2024.

**Figura 17** – Proa e Popa finalizada.



**Fonte:** Larissa Andrade, 2024.

- III. **Forramento:** é a colocação das tábuas restantes na canoa, no total foram aplicadas quatro tábuas de Louro canela (*Nectandra rubra*) para seu forramento. Para essa etapa é feita a cava, o procedimento onde é retirado o excesso da parte de dentro da tábua, onde serão coladas e pregadas nas cavernas. Esse procedimento é mais demorado. Quando a cava é finalizada, é realizado na banca de disco o procedimento da curvatura e retirada dos cantos para o alvramento da canoa, após essa etapa é realizado o lixamento com a lixadeira, e a raspagem no lado de fora da tábua com a plaina de mão, finalizando com a plaina elétrica. Quando está feito o forramento, é realizada a calafetagem, o processo que coloca borracha entre o espaço de uma tábua para a outra, em seguida aplicação da massa acrílica para dar mais proteção à madeira, e assim evitando passar água entre elas.

**Figura 18** - Processo Cava.



**Fonte:** Larissa Andrade, 2024.

**Figura 19** - Processo de lixamento após o processo cava.



**Fonte:** Larissa Andrade, 2024.

- IV. **Revestimento:** nessa etapa de revestimento, foi realizada a aplicação de fibra de vidro na canoa, na sua parte externa a resina com auxílio de um pincel de rolo, entrando em seguida com a manta de vidro, é adicionada novamente a resina por cima da manta. Esse método é repetido por todo o comprimento da canoa, finalizada com a manta e resina, é feita mais uma aplicação da resina de vidro com o acréscimo do Vertex fosco verbras (conhecido como talco) para melhor permeabilização e finalização com sua aplicação. Com a finalização, deixa-se secar o revestimento na canoa de um dia para o outro, e assim fazer o acabamento com o lixamento nas bordas.

**Figura 20** - Colocação da manta de vidro.



**Fonte:** Larissa Andrade, 2024.

**Figura 21** - Canoa já com o acabamento da aplicação da fibra de vidro.



**Fonte:** Larissa Andrade, 2024.

- V. **Pintura:** na etapa da pintura, a canoa é apenas pintada em sua parte interna e nas bordas, a parte externa ficando apenas a fibra de vidro com sua tonalidade azul-escuro. A canoa desse acompanhamento foi finalizada com a cor branco e verde limão.

**Figura 22** - Canoa Finalizada.



**Fonte:** Celso Filho, 2024.

Com essas etapas descritas através do acompanhamento, é possível ter um esclarecimento de como são feitas essas embarcações na atualidade, que apesar do uso de máquinas e ferramentas elétricas continua sendo majoritariamente artesanal. Como diz o

mestre Celso Rios Filho, em relação ao processo de fabricação antigamente e seu modo de fabricação hoje, com auxílio das máquinas:

*Dois processos que tenho, a canoa de antigamente que a gente levava de dois a três meses para fazer uma canoa. Veja bem, tinha tudo manual, para começar pelas cavernas que ia tirar no mato, depois a tábua tudo tirado do mato. Então todo o trabalho era manual e isso levava tempo. Hoje com a mudança da madeira tá toda aqui no depósito, a gente já compra a madeira no depósito e já tem máquina também, então evoluiu mais, a gente hoje faz o que? Em três a quatro dias a gente faz a canoa. Então tem uma mudança muito brusca também em questão de dias para fazer uma canoa né (Celso Rios Filho, 2023).*

Baseado na informação obtida pelo Senhor Celso Filho e com o acompanhamento de construção, podemos afirmar que a ajuda das máquinas facilitou o modo de construção das canoas, assim como o acesso às matérias-primas e equipamentos de construções necessárias. É certo ressaltar que o uso das máquinas não veio para substituir o modo de fazer artesão de um mestre carpinteiro, mas sim melhorar e facilitar o processo de construção, com ferramentas e equipamentos auxiliares. A essência artesã permanece mesmo usando ferramentas elétricas, elas são apenas um meio facilitador para construir uma embarcação. Como mencionado pelo Senhor Celso, o auxílio das máquinas e a facilidade de encontrar o material (matéria-prima) que já tem para vender nos comércios atualmente ajudaram a diminuir a quantidade de dias na construção de uma canoa. Antigamente levava meses para construir uma canoa, por ser um processo totalmente manual, e a atualmente leva-se de três a quatro dias apesar do uso das ferramentas elétricas no trabalho de construção, o saber antigo domina sua produção, o saber novo apenas agrega a facilitação da construção de canoa.

Outra comparação que podemos citar em relação à construção das antigas canoas com a construção dos tempos atuais em relação da matéria-prima, algumas não são ou raramente utilizadas, como o cedro e o pequi. Na embarcação que foi feito o acompanhamento, as suas cavernas foram da madeira pequi, mas é importante ter essa observação, que foi utilizada esse tipo de madeira por estar à venda em uma propriedade de um pé de pequi já morto por volta dos 20 anos. Atualmente são utilizadas na construção as madeiras de: louro rosa, louro canela e angelim.

Abaixo, descrevemos em tabela as madeiras que eram e são utilizadas atualmente, segundo o Senhor Celso.

**Tabela 1** – Matéria-Prima da Casa da Canoa.

<b>Matéria-Prima da Casa da Canoa</b>	
<b>Cedro - <i>Cedrela fissilis</i></b>	Fora de uso
<b>Pequi - <i>Caryocar brasiliense</i></b>	Fora de uso
<b>Louro Canela - <i>Nectandra rubra</i></b>	Em uso
<b>Louro Rosa - <i>Nerium oleander</i></b>	Em uso
<b>Angelim - <i>Hymenolobium</i></b>	Em uso

**Fonte:** Elaborada pela Autora (2023).

Além da participação das máquinas e acesso à matéria-prima, outras ferramentas também se transformaram e novas foram inseridas nas atividades de produção. Como podemos ver abaixo na tabela.

**Tabela 2** – Ferramentas de Carpintaria Naval.

<b>Ferramentas de Carpintaria Naval – Casa da Canoa</b>	
<b>Arco de Pua</b>	Não se usa mais
<b>Banca de Disco</b>	Substitui o Serrote
<b>Furadeira (Besouro)</b>	Substitui o Arco de Pua
<b>Enxó</b>	Em uso (Não tem substituto)
<b>Plaina Manual</b>	Em uso (Às vezes precisa usar)
<b>Plaina Elétrica</b>	Substitui a Plaina Manual
<b>Plaina Elétrica de mão</b>	Em uso
<b>Serra Circular</b>	Substitui o Serrote
<b>Serra de Volta</b>	Em uso (Construída, não tem a venda)
<b>Serrote</b>	Usa muito pouco

**Fonte:** Elaborada pela Autora (2023).

Como podemos ver na tabela, as ferramentas utilizadas na construção das embarcações com o tempo foram trocadas por outras, especificamente as ferramentas manuais pelas ferramentas elétricas. Por exemplo, o serrote, uma ferramenta manual que se usa muito pouco, pode ser substituído por uma ferramenta elétrica, como a banca de disco e a serra circular. Há também ferramentas construída pelo próprio mestre carpinteiro, como a serra de volta. Quanto à plaina manual e à plaina elétrica, em alguns casos é necessário o uso de uma ou de outra.

A outra mudança na construção que podemos mencionar é o uso da fibra de vidro em vez do breu. O revestimento com o breu nas embarcações é uma técnica mais antiga, com esse revestimento a manutenção da embarcação acontecia de seis a sete meses. O breu pode ser obtido por derivados do petróleo ou plantas, como explica o mestre carpinteiro:

*O breu naquela torre do petróleo que nós estudamos, eu estudei muito pouco, mas eu não me lembro se é o terceiro ou é o quarto produto da pirâmide do breu do petróleo. Tem o primeiro produto, o segundo produto, ou ele é o terceiro ou o quarto produto do petróleo. Entendeu? E ele não é preto não, ele é amarelo. O breu, ele é bem amarelinho, onde ele tem a função de fazer creme para pele, ele tem a função de fazer remédio também. Então o breu mesmo legítimo tem sete tipos de função, muita coisa nele. E esse é uns dos derivados dele mesmo, e é misturado com pixen aí que ele fica preto desse jeito mesmo, mas ele não é, ele é amarelo. O breu legítimo mesmo é amarelo. Que é tipo uma graxa (Celso Rios Filho, 2023).*

Atualmente é pouco usado o revestimento de breu em uma embarcação, é mais frequente com a fibra de vidro que tem mais durabilidade. Como menciona o Senhor Celso Filho, a fibra de vidro já veio para tirar o breu. Como ele relata:

*Praticamente essa aqui já veio para tirar o breu, muito delas estou tirando o breu para colocar fibra. Então é muito difícil, e raro fazer uma. Aquela lá também, aquela ali é velha também, aquela tirei o breu dela todin para colocar fibra. Ela tá pintada de tinta não, ali é uma massa que a gente cobre o breu todinho, porque o breu ele tem o choque com a resina, né. Os dois não se une de jeito nenhum. Essa resina é muito quente, quando bate no breu, ela derrete o breu todinho e fura de dentro para fora. Aí a gente tem que raspar o breu todinho e depois colocar aquela massa acrílica para não ter o contato um com o outro. Porque se tiver o contato, ela cozinha o breu e fura a fibra, aí ela vai fazer água (Celso Rios Filho, 2023).*

Todas essas mudanças, tanto quanto na matéria-prima, como nas ferramentas e técnicas, mostram o constante aperfeiçoamento na construção das embarcações. Além dessas mudanças e transformações, a Casa da Canoa introduziu um novo modo de construir e utilizar uma canoa, com a canoa sofá. Este é um novo modo de construir e utilizar uma canoa, se tornando uma peça versátil que pode decorar salas e quartos, além de ser alugada para ser utilizada em festas de aniversário e casamento.

**Figura 23** – Canoa Sofá.



**Fonte:** Larissa Andrade, 2024.

Assim, surge uma nova forma de utilizar uma canoa, um método de construção que se adapta a necessidade das pessoas. Conforme o mestre carpinteiro Senhor Celso, a canoa não é mais utilizada apenas para a pescaria como antigamente, mas para diversas finalidades. Além da canoa sofá, podemos destacar o uso da canoa na atualidade como freezer para conservação de cervejas, mesas e passeios turísticos. É uma arte de fazer canoas mesmo que se constitui na relação com o artefato, coisas, ambiente etc. Ressaltando assim, que o conhecimento de construir canoa vai se adaptando e ampliando cada vez mais, assim como as ferramentas de construção.

Se tornando uma nova forma de engrandecer a carpintaria naval na atualidade, trazendo essas novas adaptações da construção de canoa para os dias atuais, com diversos tipos de usos e significados. Como, por exemplo, a exposição da carpintaria naval em miniatura, realizada pelo Museu do Piauí, do artista piauiense Ulisses de Andrade Lima, uma exposição sobre a história da carpintaria naval artesanal em maquete em escala reduzida, aberta para o público por todo mês de abril de 2024. Foram expostos diversos tipos de embarcações, como podemos analisar na tabela a seguir:

**Tabela 3** – Embarcações da exposição no Museu do Piauí.

<b>A carpintaria Naval Artesanal em Maquete</b>	
<b>Jangada ou Pacote</b>	Brasil – Jangada Tradicional
<b>Galeota Imperial Brasileira</b>	Brasil – Brasil Império (1808)
<b>Caravela La Pinta</b>	Espanha (1492)
<b>Navio Viking</b>	Nórdicos – Noruega, Suécia e Dinamarca

	(VIII a XI)
<b>Bireme Romano</b>	Roma
<b>Canoa Carajás</b>	Brasil – Canoa Monoxila
<b>Canoa do Arquipélago de Tuamotu na Polinésia</b>	(XIX)
<b>Junco Chinês</b>	China – Dinastia Han (220 a.C. -200 d.C)
<b>Navio Tartaruga</b>	Coreia- Dinastia Joseon (XV e XVIII)
<b>Veleiro de Cruzeiro</b>	Brasil
<b>Gândolas Venezianas</b>	Veneza - Itália (XV e XVI)
<b>Barco Rabelo</b>	Portugal
<b>Barco Moliceiro</b>	Portugal (XIX E XX)
<b>Barco Solar do Rei Khufu</b>	Egito Antigo – IV Dinastia (2.589 a.C. a 2566 a.C.)

**Fonte:** Elaborada pela Autora (2024).

A expiração de fazer a exposição surgiu através da sua área de estudo, a “influência da construção naval na parte litorânea da região do Piauí”, durante a pandemia. Sua primeira miniatura foi feita de papelão, mas como o resultado não foi o esperado, foi acrescentando com o uso da madeira, alcançando assim a sua finalização. Para a construção das embarcações passaram a ser utilizado os materiais como: casca de cajazeira; madeira dos caixotes de frutas; lâminas de pin; fio de fibra; fibras óticas; alumínio das latinhas de refrigerantes. Mostrando assim, a mudança na materialidade na construção, que foi se adaptando para outros tipos para se relacionar melhor com outros materiais e assim construir a embarcação. É importante ressaltar que todas as embarcações construídas foram todas seguidas por seu plano de construção original, com todos os seus traços e detalhes.

**Figura 24** – Senhor Ulisses com a miniatura da galeota imperial brasileira.



**Fonte:** Larissa Andrade, 2024.

A exposição das embarcações em miniatura é de importância para a produção de canoa. Ela permite que a população teresinense conheça a história da carpintaria naval em cada embarcação, além de valorizar a profissão do carpinteiro naval. Dessa forma, enaltece uma tradição cultural da região, que é pouco conhecida a sua existência e permanência na atualidade.

A construção naval tradicional entra no grupo de ofícios e práticas que estão se perdendo com o tempo, como é um saber que está restrito a memória dos mais antigos, dos poucos construtores de embarcações tradicionais ainda em atividade, e o conhecimento das práticas tradicionais como a construção naval, quase sempre “não são sistematizada e se utilizam da oralidade, das imagens e de formas alternativas de registro para serem difundidos e preservados” (Moreira, 2018, p. 54). A exposição se torna um dos eixos para pontuar a importância da carpintaria naval, assim como a tradição dos que residem em Teresina.

Foi aproveitado muito do conhecimento dos construtores navais artesanais que residem no presente, como essa pesquisa. É importante mencionar a gratificação das informações coletadas em entrevistas e acompanhamento em relação à construção das canoas, como suas mudanças e adaptação na atualidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Teresina é uma cidade cujas raízes culturais estão profundamente ligadas às águas dos rios que cercam. A cerâmica, a pescaria, as canoas, as histórias, lendas e memórias, todas são práticas teresinenses que possuem uma forte relação com os rios. Contudo, poucas pessoas conhecem e sabem da existência dessas práticas que moldam a identidade cultural da cidade, principalmente a prática da carpintaria naval. O principal objetivo desta pesquisa foi investigar o potencial do saber de fazer canoa da cidade de Teresina como patrimônio cultural e propor que futuramente, a partir de mais estudos, possa alcançar a manutenção da sua memória e salvaguarda patrimonial.

Mesmo sendo continuado, o modo de fazer canoa pode ser classificado como uma prática particularmente vulnerável, devido ao seu caráter de transmissão pela oralidade o que faz com que a prática esteja em constante risco de extinção, já que não há muitos registros gravados desse saber para serem passados as futuras gerações. Foi gratificante acompanhar os dias de trabalho e aprender como se constrói uma canoa desde sua etapa inicial até sua finalização.

O saber fazer canoa de Teresina pode ser relacionado como pertencente à categoria de bens imateriais, tendo o potencial de entrar no Livro de Registro dos Saberes, estabelecido pelo Decreto n.º 3.551. Esse registro é essencial para garantir a importância, o reconhecimento e a salvaguarda desse conhecimento tradicional, preservando o senso de identidade e continuidade para a população. No entanto, é importante notar que o saber fazer canoa não é amplamente reconhecido pela população como parte de sua identidade cultural, e há poucas iniciativas para sua preservação. Atualmente, o Senhor Celso segue construindo canoas nas margens do rio Poti, com Daniel, Fernandes e Juan, sem apoio do governamental, por iniciativa totalmente própria.

O saber fazer canoa é uma identidade cultural de Teresina, através dela podemos estudar tanto a sua materialidade quanto a sua imaterialidade, o seu simbolismo e sua tradição passada entre gerações, assim como novas formas de construir e usar uma canoa na atualidade. Esse estudo pode ainda ser ampliado com ações que podem ser realizadas futuramente e devem, para que esse patrimônio não seja extinto.

Por fim, estudar as pessoas e aprender com elas é fundamental para descrever conhecimento que não se encontra nos livros e em outras fontes escritas. A arqueologia, por ser uma ciência multidisciplinar, abre tantas possibilidades quanto podemos imaginar e pode ser utilizada para compor uma narrativa de uma história um dia esquecida que pode ser lembrada, justamente por tratar de pessoas.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Adomilli, Gianpaolo Knoller; Romani, Francisco Barroso Rotondaro; Camarero, Letícia D'Ambrosio. **A arte da construção naval na pesca artesanal: sobre saberes e habilidades de carpinteiros navais do litoral do extremo sul do Brasil.** In: Cadernos do Lepaarq, v. XVI, n.32., p. 122-137, Jul-Dez. 2019.

Alberti, Verena. **Narrativas na história oral.** In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA {22.: João Pessoa, PB). Anais eletrônicos. João Pessoa, PB: ANPUH-PB, 2003. 10f. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/server/api/core/bitstreams/12b4cb8d-7613-400a-8dc4-d1a91ca5376e/content>. Acesso em: 15 de mai. 2024.

Alves, Maria Cristina. **A importância da história oral como metodologia de pesquisa.** Ituiutaba – MG, 2016. Disponível em: <https://eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/mariacristinasantosdeoliveiraalves.pdf>. Acesso em: 15 de mai. 2024.

Assembleia Legislativa do Estado do Piauí (ALEPI). **Projeto de Lei Ordinária nº 193 de 2023.** ALEPI, 2023. Disponível em: <https://sapl.al.pi.leg.br/materia/18659>. Acesso em: 26 de maio. 2024.

Assembleia Legislativa do Estado do Piauí (ALEPI). **Lei nº 8.189, de 18 de outubro de 2023.** ALEPI, 2023. Disponível em: <https://sapl.al.pi.leg.br/norma/5866>. Acesso em: 26 de maio. 2024.

Batista, Vanessa; Macedo, Carmen Lúcia. **O patrimônio cultural na legislação brasileira.** Revista do Curso de Mestrado em Direito da UFC, p. 237-260, 2008.

Campos, Mateus. **Teresina.** Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/teresina.htm#:~:text=A%20cidade%20de%20Teresina%2C%20capital,desse%20estado%20pelo%20Rio%20Parna%3%ADba>. Acesso em: 30 de set. 2023.

Carneiro, S., M., C. **A simbologia da água e seu papel na identidade cultural local: o Rio Paraíba do Sul no contexto urbano de Campos dos Goytacazes.** Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas, v.9, n.24, p.69 - 80, 2019.

Cidade Verde. **Mercado do Peixe do Poti Velho começa a funcionar neste sábado (23)**. Redação, 2017. Disponível em: <https://cidadeverde.com/noticias/262592/mercado-do-peixe-do-poti-velho-comeca-a-funcionar-neste-sabado23>. Acesso em: 14 de dez. 2023.

Donatti, Patrícia. **Aula: História da Arqueologia no Brasil**. Somanlu, ano 17, n. 1, jan./jul. 2017.

Fabrino, Raphael; Duarte, Alice. **A ampliação do conceito de Patrimônio Cultural e a Unesco**. *Museologia & Interdisciplinar* Vol. 11. nº 22, Jun/Dez. 2022. DOI 10.26512/museologia.v11i22.38565.

Falcão, A. L. S; Sampaio, L. M. R; Farias, V. A; Matos, K. C; Lopes, W. G. R. **Transformação urbana da paisagem ribeirinha nos bairros olarias e poti velho em Teresina – PI**. *Pluris*, 2016.

Funari, P. P. A. **A Arqueologia Histórica em uma perspectiva mundial**. *Revista de História Regional*, [S. l.], v. 6, n. 2, 2007. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2130>. Acesso em: 25 out. 2023. FUNARI, P.P.A. *Arqueologia*. Contexto. 2ª ed. São Paulo-SP, 2006.

Funari, P. P. A. **Teoria e métodos na Arqueologia contemporânea: o contexto da Arqueologia Histórica**. *Revista de humanidades*, V. 06. N. 13, dez.2004/jan.2005. – Semestral. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/267/243>. Acesso em: 06 de nov. 2023.

Gandara, Gercinair Silvério. **Cidades-beira: raízes urbanas e suas relações com o ambiente/natureza**. 2013.

Gandara, Gercinair Silvério. **Rio Parnaíba... cidades-beira**. Brasília, 2008.

Gandara, Gercinair Silvério. **Teresina: a Capital sonhada do Brasil Oitocentista**. São Paulo, 2011.

Gualberto, A. J. P. **História e Memória da Carpintaria Naval Ribeirinha da Amazônia: Educação e Saberes como Patrimônio Cultural**. Belém, 2013.

Guarinello, Norberto Luiz. **Breve arqueologia da história oral**. São Paulo. 1998, p. 61-65.

Guedes, Maria, MAIO, Luciana. **Dicionário do Patrimônio Cultural**. IPHAN, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/79/bem-cultural#:~:text=Constitui%20patrim%C3%B4nio%20cultural%20brasileiro%20os,modos%20de%20criar%2C%20fazer%20e>. Acesso em: 21 de dez. 2023.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico nacional. **Patrimônio Imaterial**. IPHAN, 2014. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234#:~:text=3.551%2C%20de%204%20de%20agosto,de%20Refer%C3%A2ncias%20Culturais%20\(INCR\)](http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234#:~:text=3.551%2C%20de%204%20de%20agosto,de%20Refer%C3%A2ncias%20Culturais%20(INCR)). Acesso em: 28 de mai. 2024.

Jorge, V.O. 1990. **Arqueologia e História: Algumas Reflexões Breves**. Revista da Faculdade de Letras – Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras. Universidade do Porto. Porto/Portugal, Vol.7, Pág. 367-372.

Jornal Meio Norte. **Cessé: meio século construindo canoas**. Jornal Meio Norte, Teresina, 28 de junho de 2002.

Lima, Amanda. “ **Onde fica o Poti Velho? ”: Contradições urbanas da cidade de Teresina – Piauí**. Revista Latino-Americana de História, 2020.

Lima, Iracilde; Albuquerque, Emanuel. **Rio Poti: caminhos de suas águas**. Teresina, 2020.

Lins junior, Hamilton Marcelo Moraes. **Arqueologia marítima: a evolução da canoa monóxila em Pernambuco, Brasil (séc. XVI – XX)**. Recife, 2015.

Lupa1. **Piauí e seus patrimônios**. Teresina, 2022. Disponível em: <https://lupa1.com.br/blogs/tudo-no-lugar/piaui-e-seus-patrimonios-17717.html#:~:text=Um%20exemplo%20de%20patrim%C3%B4nio%20imaterial,iphan%2C%20em%20maio%20de%202014>. Acesso em: 29 de jan. 2024.

Melquíades, Vinícius; Amaral, Daniella. **Arqueologia do presente e etnografias arqueológicas no Brasil**. Cap. 15, p. 437-466. Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2022.

Moreira, Ana Luísa. **Patrimônio Naval de Laguna – SC: Práticas tradicionais, identidade e memória**. Florianópolis, 2018.

Orser Jr., Charles E. **Introdução à Arqueologia Histórica**. Tradução de Pedro Paulo Abreu Funari. Belo Horizonte: Oficina de livros, 1992.

Pereira, Lucas; Moraes, Maria Dione. **Entre “Teresina nasceu aqui” e “Aqui no Poti e lá em Teresina”:** identidades e alteridades na memória oral do bairro Poti Velho. Teresina, 2014.

Prous, André. **O Brasil antes dos brasileiros: a pré-história do nosso país**. Jorge Zahar Editor, 2006.

Resende, Maria Antônia. **A tutela do patrimônio cultural na legislação brasileira: Instrumentos de proteção do patrimônio material e imaterial**. Revista Jurídica UNIARAXÁ, Araxá, v. 21, n. 20, p. 197-219, ago. 2017.

Rego, Junia Motta Antonaccio Napoleão do. **Dos sertões aos mares: história do comércio e dos comerciantes de Parnaíba, Piauí (1700-1950)**. Niterói, 2010.

Santos, A. B. dos. **Arqueologia, sociedade e poder: Breves considerações sobre uma arqueologia do passado recente**. Revista Noctua – Arqueologia e Patrimônio, 61- 75, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.26892/noctua.v1i5p61-76>. Acesso em: 04 de nov. 2023.

SEMPPLAN. **Teresina – Perfil dos bairros – Regional SDU Centro Norte- Bairro Poti Velho**. Teresina, 2018.

Silva, Jefferson Gil da rocha; Scherer, Elenise Faria. **Trabalhadores navais: um saber-fazer artesanal em estaleiros tradicionais à beira-rio de Manaus**. Revista Pegada – vol. 19 n.3. Amazonas, 2018.

Silva, Lucas Antonio da. **A fluidez das relações materiais. Uma arqueologia com os pés na água.** Revista de Arqueologia, [S. l.], v. 32, n. 1, p. 108–128, 2019. DOI: 10.24885/sab.v32i1.620. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/620>. Acesso em: 11 nov. 2023.

Silva, Lucas Antonio da. **(Re) visitando as pessoas e as coisas: a Etnoarqueologia enquanto uma Arqueologia do Presente.** Revista de Arqueologia, [S. l.], v. 30, n. 1, p. 175–185, 2017. DOI: 10.24885/sab.v30i1.508. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/508>. Acesso em: 14 nov. 2023.

Silva, Victor Marcelo Pires Gonçalves da. **Teresina: entre a vanguarda e as cousas pretéritas (1852 ao primeiro decênio do século XX).** São Paulo, 2020.

UNESCO Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial.** França, 2003. Disponível em: [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000132540\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000132540_por). Acesso em: 16 de jan. 2024.

UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais ICOMOS - Conselho Internacional de Monumentos e Sítios.** México, 1982. Disponível em: <https://formacaompr.files.wordpress.com/2010/03/1982-declaracao-de-mexico.pdf>. Acesso em: 14 de jan. 2024.

UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural.** 2002. Disponível em: <https://www.oas.org/dil/port/2001%20Declara%C3%A7%C3%A3o%20Universal%20sobre%20a%20Diversidade%20Cultural%20da%20UNESCO.pdf>. Acesso em: 15 de jan. 2024.

UNESCO Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Recomendação sobre a salvaguarda da cultura tradicional e popular, Unesco, Paris (França), 15 de novembro de 1989.** França, 1989. Disponível em: <https://www.icomos.pt/images/pdfs/2021/30%20Recomenda%C3%A7%C3%A3o%20cultural%20popular%20-%20UNESCO%201989.pdf>. Acesso em: 15 de jan. 2024.

Viana, Uhelinton Fonseca. **O conceito de patrimônio, perspectivas e contradições.** Editora, Cravo. Porto, Portugal. 2020.

Vilhena, Gustavo. **Os fazedores de cidade: uma história da mudança da capital no Piauí (1800-1852)**. Recife, 2016.

Zanirato, Silvia Helena. **Patrimônio cultural, participação social e construção de cidadania**. Participação política: atores e demandas. Tradução. São Paulo: PROMUSPP, 2015. p. 115-127. Disponível em: <https://www.sef.usp.br/wp-content/uploads/sites/578/2020/09/Livro-2-09-PATRIM%C3%94NIO-CULTURAL-PARTICIPA%C3%87%C3%83O-SOCIAL-E-CONSTRU%C3%87%C3%83O-DE-CIDADAN%C3%8DA.pdf>. Acesso em: 01 jan. 2024.

Zarankin, A. 2014. “A Persistência da Memória”... **Histórias Não-Lineares de Arqueólogos e Fogueiros na Antártica**. Revista de Arqueologia – SAB. vol. 27, no2. Pág. 35-46, 2014.

**APÊNDICE A – Entrevista com o mestre carpinteiro naval Senhor Celso,  
realizada em 08 de dezembro de 2023**

**Larissa:** Primeiro fiz umas questões para perguntar para o senhor. Que foi feito como uma entrevista, mas o senhor pode tipo conversando mesmo, com seu entendimento. Se o senhor não quiser responder também pode pular a pergunta.

**Senhor Celso:** Tem problema não.

**Larissa:** A minha primeira pergunta foi como o senhor levou para fazer canoa. Como o senhor começou?

**Senhor Celso:** Meu bem, é o seguinte eu comecei, praticamente uma brincadeira, né. Que com idade de 5 a 6 anos já ficava mais o meu pai o dia todo. Então a gente trabalhava debaixo da ponte, ao lado de um pé de manga, e eu ficava com ele o dia todinho mais ele. E daquele jeito a gente pegava um ferro, uma coisa e ia batendo, e aquilo foi criando essa paixão. Então com idade de 10 a 12 anos, já estava fazendo a canoa, então para dizer a verdade eu aprendi pela paixão de fazer esse trabalho com meu pai.

**Larissa:** Com o seu pai, né?

**Senhor Celso:** Isso. Com o papai, com meu pai.

**Larissa:** Aqui a minha segunda pergunta é a quanto tempo o senhor fabrica canoa? Que o senhor falou que foi com 12 anos.

**Senhor Celso:** Com 12 anos, estou com 57, é só a gente fazer a soma. Dar mais de 40 e poucos anos.

**Larissa:** Certo. A minha terceira é assim. Como o senhor aprendeu o ofício de fabricação de canoa e com quem? Que foi com seu pai.

**Senhor Celso:** Foi com meu pai e a paixão de ver meu pai fazer aquilo que ele gosta também, né.

**Larissa:** E seguir os passos né?

**Senhor Celso:** A curiosidade levou a fazer esse trabalho.

**Larissa:** A minha quarta. O senhor poderia descrever como é o processo de fabricar canoa atual, do tempo atual, agora?

**Senhor Celso:** Bom vamos falar do processo em si, vou tomar muito do seu tempo. Dois processos que tenho, a canoa de antigamente que a gente levava de dois a três meses para fazer uma canoa. Veja bem, tinha tudo manual, para começar pelas cavernas que ia tirar no mato, depois a tábua tudo tirado do mato. Então todo o trabalho era manual e isso levava tempo, hoje com a mudança da madeira tá toda aqui no depósito, a gente já compra a madeira no depósito e já tem máquina também, então evoluiu mais, a gente hoje faz o que? Em três a quatro dias a gente faz a canoa. Então tem uma mudança muito brusca também em questão de dias para fazer uma canoa né.

**Larissa:** É, melhorou muito, não foi? Aí quais os materiais que o senhor usa? Os tipos no caso.

**Senhor Celso:** A gente usamos três tipos de madeira. Que é o cedro, o podar e o pequi. Só que eu vou fazer uma observação, hoje com a questão do desmatamento da madeira, hoje não tenho mais a podar mais. Então o cedro também foi extinto, não tem mais cedro nem podar. Tanto que trocamos agora com outro tipo de madeira que seria o louro rosa e o louro canela. Que é bom você ter essa observação também, né. Com a mudança que no futuro você vai entender que eu estou dizendo, antigamente a gente tinha o podar e o cedro, hoje não temos mais. Então quando a pessoa começa a criticar o IBAMA que não pode fazer isso e não pode fazer aquilo. Mas eles estão certos. Você já pensou, se tivesse o IBAMA a cem anos atrás, hoje nós teríamos essa madeira ainda pra trabalhar.

Entendeu? Que não ia derrubar em larga escala, ia derrubar pouco a pouco, só ia derrubar aquela madeira que você tava precisando dela no momento. Então isso mudou muito, entendeu?

**Larissa:** E as suas ferramentas, como que o senhor usa, quais são?

**Senhor Celso:** As ferramentas, uma boa parte delas eu já aposentei, não tá bem aposentada, mas tá bem encaminhada. No caso, tem ferramentas que não tenho como aposentar ela, que é a serra de volta, que é uma serra que a gente mesmo constrói, não tem para vender.

**Larissa:** Ah, é o senhor que faz, né?

**Senhor Celso:** É, eu faço ela. Agora o serrote também tá quase aposentado também. A gente se usa muito pouco, mas não deixa de usar, a gente usa muito pouco. E tem a incho (Enxó) também, já a incho não, a incho a gente trabalha todo o tempo. Não tem como a gente aposentar ela. Não tem para substituir ela não, já a plaina que tem a plaina manual, a gente tem a plaina elétrica que já dá para substituir ela, entendeu? Mas as vezes precisa da plaina manual.

**Larissa:** Ah então o senhor sempre usa ela e às vezes não usa.

**Senhor Celso:** E a outra também. No caso a incho não. A incho não tem substituto não. E o serrote também já tem, que tem a serra circular, tem a banca de disco. Então já pode substituir o serrote, mas em alguns pontos, tem ponto que não dar. E tenho também a questão do arco de pua, o arco de pua é aquele de furar, hoje nós temos o besouro que chamamos de furadeira, o nome certo é furadeira, chama besouro porquê não sei, mas o nome certo é furadeira e substitui o arco de pua. Já o arco de pua, esse tá aposentado mesmo, eu não chego a usar de jeito nenhum mais.

**Larissa:** Mas o senhor tem?

**Senhor Celso:** Tenho. Tá guardado, mas a gente não usa mais ele.

**Larissa:** A minha próxima. Esse aqui, essa quarta é várias perguntas, mas é quanto tempo o senhor demora? Que o senhor já falou antes que era três meses né?

**Senhor Celso:** Isso.

**Larissa:** E agora é quatro dias.

**Senhor Celso:** Quatro dias. Mas tem essa observação, a questão das máquinas também e a facilidade do material que já tem para vender no comércio.

**Larissa:** Que melhorou bastante, né? Por conta do tempo.

**Senhor Celso:** Melhorou sim, cem por cento.

**Larissa:** A minha quinta. Como era o processo de produção no começo, que o senhor falou, né. Que era tudo no manual.

**Senhor Celso:** Tudo no manual.

**Larissa:** E agora é quase máquina. Ah, esse aqui é. Que como o senhor fazia as suas canoas antigamente, mas é a coisa que o senhor falou.

**Senhor Celso:** Isso. É a mesma coisa.

**Larissa:** E aqui na minha sexta. Existem tipos, modelos de canoa diferente que o senhor faz?

**Senhor Celso:** Na verdade, agora eu. Minha forma é uma só. Só que a gente faz certas adaptações, como a canoa que não pega motor, ela é uma forma. E a canoa que pega motor já é outra forma, isso só seria mais possível para você entender se eu fosse mostrar

canoa, as duas. Aí você ia ver a diferença. Mas falando assim não dá nem para entender né? A diferença é o tamanho, tá entendendo? Porque a canoa de seis metros para motor, ela tem que ser mais possante, mais forte, as tábuas têm que ser mais grossas, tá entendendo?

**Larissa:** Humrum.

**Senhor Celso:** E onde ela não vai ser muito alvorada. E já a canoa para remo, ela é menor e ela tem que ser mais alvorada, que ela vai cortar mais água. A força do remo é diferente da força do motor.

**Larissa:** Entendi, isso muda na madeira não, né?

**Senhor Celso:** Não, não muda na madeira.

**Larissa:** Nada.

**Senhor Celso:** Só muda na armação da canoa. A diferença é na armação. Onde vai ter uma diferença de forma, né. Mas sendo que a forma minha é uma só.

**Larissa:** A minha sétima pergunta é. O senhor sabe se atualmente existe em Teresina mais alguém que faz canoa?

**Senhor Celso:** Na verdade, tem assim. Ter esse padrão que eu tenho, com essa estrutura que eu tenho toda aqui, não tem. Meu conhecimento aqui perto, não vai ter. Só vai ter aqui em Floriano, mas aqui nas redondezas mesmo não tem, até mesmo também porque eu também tô mandando muita canoa pra fora, então assim, Parnaíba não, porque Parnaíba o mercado é grande, mas no meu conhecimento mesmo aqui tem assim, para fazer concerto, coisinha de pouca.

**Larissa:** Ah, pouca coisa.

**Senhor Celso:** Mas para fazer do começo, como eu faço, de ter uma história como eu tenho, não tem não. Acho que já morreram quase todos. Só tem eu mesmo, agora tem meu sobrinho que tá trabalhando comigo, né. Só que tá começando. Só que a história dele vai ser diferente da minha, ele já pegou o carro andando, é diferente. Vai passar pelo esse processo todo que eu passei.

**Larissa:** Isso aí entra na minha próxima pergunta, que se o senhor tem aprendizes.

**Senhor Celso:** Nesse caso, já está respondido.

**Larissa:** Que o senhor respondeu.

**Senhor Celso:** Tenho né.

**Larissa:** É só ele que o senhor tem?

**Senhor Celso:** É, tenho dois sobrinhos e tem um rapaz que trabalhou comigo direto. Estão os três, então somos uma equipe de quatro pessoas trabalhando direto.

**Larissa:** Aí o senhor, ensina ou eles já fazem?

**Senhor Celso:** Eu ensino, agora é aquela coisa. Tem que tá sempre por perto para orientar, aquela história que eu falei, na linha imaginária. Tá entendendo? Quando está armando a canoa, essa questão eles ainda não têm. Então eu já procuro a explicar para eles.

**Larissa:** Ah, que o senhor disse, que dar uns passos né, para ali.

**Senhor Celso:** Isso. Eu volto para trás um pouquinho para me ver, onde é que ela está puxando. Às vezes puxa para o lado, aí você vai ajeitar.

**Larissa:** Aí, minha nona que é a última é, o que o senhor acha que precisa ser feito para que a arte de fabricação da canoa teresinense não se perca com o tempo?

**Senhor Celso:** Minha filha, aí para te falar a verdade eu nem sei se vai ser continuado, porque com essas mudanças que eu estou fazendo agora, eu não sei se meus aprendizes vão continuar, né. Estou acreditando que um, que tem um que trabalha comigo, que estou achando que vai prosseguir, agora o outro, ele não tá querendo entrar nessa área de aprender, trabalhar com fibra; pintar essas coisas. Não quer aprender, então já fica complicado, aí eu nem sei te dizer se ele vai continuar ou não. Porque os meus filhos mesmos eles fazem canoa, só que eles foram para a marcenaria, eles não trabalham com canoa. Mas eles sabem fazer, mas a paixão dele é marcenaria. E o que estão mais eu aqui, estou acreditando que os outros dois acho que vão para frente, acredito que tem um substituto. Que ninguém é insubstituível nesse mundo.

**Larissa:** É, mas seguir a linha, seguir o patrimônio. Aí o senhor pode me dizer um pouco mais daquela escola que o senhor tava falando?

**Senhor Celso:** Da escola de canoagem?

**Larissa:** Aham. Achei muito importante isso.

**Senhor Celso:** É a escola de canoagem, ela não tem a ver com a canoa nossa não. Ela já é mais a intenção da Casa da Canoa mesmo com a escola de canoagem, é tirar os adolescentes do mundo que estão vivendo aí, sem falta de opção, sem nada. Então eles tendo esses trabalhos no rio de remar, o pensamento deles é diferente, né. Então ele já tem outro pensamento, a ideia nossa mesmo é tirar os adolescentes do mundo que estão vivendo hoje.

**Larissa:** Ah, então seria mais para esporte, não para fazer canoa.

**Senhor Celso:** Exatamente. Esporte, entendeu?

**Larissa:** Entendi. Já estava interessada.

**Senhor Celso:** Não, mas tá dentro do contexto. Que ele tá vivendo do rio, tá entendendo?

**Larissa:** Aham. Eu já tava me perguntando já. Já ia perguntar pro senhor quando que começa, como é que se inscreve.

**Senhor Celso:** Não, mas a gente vai chegar lá, tá entendendo? O contato seria eu, a Dulce. E essa escola de canoagem, é onde faço parte também, vou ser o vice-presidente. Tem o presidente que é o quarenta e nós tem uma equipe também de dez pessoas. A gente tá montando essa escola, para chegar lá. Então a gente tem, pra ter essa ajuda do governo federal, o ministério estadual e municipal, a gente precisa ter o CNPJ, a gente tá trabalhando a questão do CNPJ. Provavelmente nessa semana vai dar certo. Quando o CNPJ tiver pronto, aí a gente vai partir para lado das autoridades, porque aqui a gente precisa só, não só do rio, mas a gente precisa ter uma área para treinar as crianças. Vamos precisar de técnico para treinar as crianças, preparador físico. Tudo isso envolve, tem a questão de muita coisa para se resolver. E para isso, precisa ajuda das autoridades municipal, estadual e federal. Promessa a gente tem muita, mas essa promessa pode ser cumprida dias antes do CNPJ. E vai dar certo, com fé em Deus.

**Larissa:** Espero.

**Senhor Celso:** E o convido a você a fazer parte.

**Larissa:** Gostaria, tenho interesse.

**Senhor Celso:** Com certeza.

**Larissa:** E aquele percurso que o senhor falou que ia fazer até o Zoobotânico?

**Senhor Celso:** Esse percurso, a gente vai primeiro montar essa questão da churrascaria, quando acabar a churrascaria, aí a gente vai divulgar na internet. Vai divulgar esse espaço

todo. Vou fazer outra canoa daquela ali nossa, que aquela ali é nossa. Vou fazer outra do mesmo tamanho dela para fazer esse passeio, não é. E esse passeio, a ideia da gente, foi até o professor que me deu essa ideia também. De ser um passeio não só ir lá e voltar não. A gente vai devagarinho, e aqui a gente vai preparar uma pessoa para fazer, que tenha o conhecimento dessa área do rio, né. Que nesse rio tem muita história, daqui para ali, tem muita história.

**Larissa:** Ah, o senhor tava comentando, que esse lado é meio esquecido?

**Senhor Celso:** O lado meio esquecido dado pela população é assim, porque você sabe que dá primavera para lá, é dos ricos, né. Que você ver até esses aguabes, eles amarraram os aguabes da ponte da primavera pra cá, pra dá impressão que o rio tá uma beleza. Fazer aquela maquiagem só, e aí a vista tava toda presa ali, escondida.

**Larissa:** Senhor Celso, o senhor pode me falar como é esse breu que o senhor tava comentando e a diferença desse de fibra de vidro?

**Senhor Celso:** É assim, a diferença do breu é que ela é mais antiga. Trabalhávamos com aquilo ali, a gente botava breu. Só que é o seguinte, esse breu a questão de seis meses a sete meses, já tem que fazer o serviço de novo. Já com esse aqui não.

**Larissa:** Esse aqui é fibra, né? Fibra de vidro.

**Senhor Celso:** É fibra de vidro. Mas é só o revestimento, ao invés de ser breu a gente bota. Só que ela tem a durabilidade para a vida toda, as tábuas se acaba e ela fica.

**Larissa:** Quando foi que o senhor mudou?

**Senhor Celso:** Minha filha, ainda estou no processo ainda de aprendizagem. Ainda tô aprendendo a trabalhar com ela, entendeu?

**Larissa:** Aham.

**Sharon:** Mas assim, da canoa que o senhor faz de 10, o senhor tá fazendo mais 7 dessa aqui?

**Senhor Celso:** Eu diria que sete não, praticamente as dez mesmos. Praticamente essa aqui já veio para tirar o breu, muito delas estou tirando o breu para colocar fibra. Então é muito difícil, é raro fazer uma. Aquela lá também, aquela ali é velha também, aquela tirei o breu dela todin para colocar fibra. Ela tá pintada de tinta não, ali é uma massa que a gente cobre o breu todinho, porque o breu ele tem o choque com o breu, com a resina, né. Os dois não se une de jeito nenhum. Essa resina é muito quente, quando bate no breu, ela derrete o breu todinho e fura de dentro para fora. Aí a gente tem que raspar o breu todinho e depois colocar aquela massa acrílica para não ter o contato um com o outro. Porque se tiver o contato, ela cozinha o breu e fura a fibra, aí você, ela vai fazer água.

**Larissa:** E como é feito o breu?

**Senhor Celso:** Não, o breu é o que eu te falei. O breu naquela torre do petróleo que nós estudamos, eu estudei muito pouco, mas eu não me lembro se é o terceiro ou é o quarto produto da pirâmide do breu do petróleo. Tem o primeiro produto, o segundo produto, ou ele é o terceiro ou o quarto produto do petróleo. Entendeu? E ele não é preto não, ele é amarelo. O breu, ele é bem amarelinho, onde ele tem a função de fazer creme para pele, ele tem a função de fazer remédio também. Então o breu mesmo legítimo tem sete tipos de função, muita coisa nele. E esse é uns dos derivados dele mesmo, e é misturado com pixen aí que ele fica preto desse jeito mesmo, mas ele não é, ele é amarelo. O breu legítimo mesmo é amarelo. Que é tipo uma graxa.

**Larissa:** E como é que o senhor faz a canoa? O senhor faz o esqueleto, né? Dela?

**Senhor Celso:** Isso. A armação.

**Larissa:** Então como que o senhor começa?

**Senhor Celso:** Eu começo pelas cavernas, que seria isso aqui ó, digamos que seria o esqueleto né. As costelas, tá entendendo?

**Larissa:** Aham.

**Senhor Celso:** Aqui é o esqueleto da canoa, a forma da canoa é o esqueleto. Que a gente chama de forma, quando está armando. Aí tem a espinha dorsal, que seria a tábua do meio aqui, e essas duas aqui que digamos que fosse essa parte aqui do ombro da gente, né.

**Larissa:** Aí depois vai?

**Senhor Celso:** Aí depois que vem o forro, que é a cobertura, né. Forra ela de tábua de louro rosa ou louro canela. Depois dela, aí sim que a gente coloca a fibra de vidro ou o breu, se for o caso. Agora essa parte de pintura não, já é mais para embelezar também, para deixar mais bonito também.

**Larissa:** E tem gente que prefere sem pintura?

**Senhor Celso:** Não. Todas as canoas são pintadas. Agora um detalhe, minha filha. Canoa de beira de praia todas elas têm que ter o nome e ela é registrada na marinha, aí ela tem que ter o nome. Já nós aqui não, nós não precisa, não. Que não é registrada nem nada. Mas toda canoa grande...

**Larissa:** Mas o senhor quer fazer isso?

**Senhor Celso:** Minha filha, não é eu querer. Antigamente era obrigado porque a marinha aqui no centro, né. Aí quando acabou a marinha aqui e levaram para Parnaíba, aí pronto. Aqui em Teresina é um pedacinho de lá, quando precisa eles vêm para cá, como tô fazendo, estou tirando a carteira agora da marinha agora. Estou fazendo o curso lá. Aí eles vêm de Parnaíba para cá para Teresina, aí eles dão aula, e volta em outro final de semana de novo. Mas se tivesse aqui mesmo, eles estavam cobrando o nome e toda canoa teria que ter um nome, cravado na madeira, feito no acaba da madeira. Você ver que lá

em Parnaíba, você ver em beira de praia assim nesses programas de televisão, você ver que toda canoa tem um nome, todo barco tem um nome? Aquilo é obrigado a você ter um nome, entendeu? Para ter o registro delas, tem que ter o nome. No caso no nosso aqui não, como é pequena, não tem fiscalização, não tem nada, aí não tem nome, ninguém bota mais nome. Só se a pessoa quiser botar, como uma vez eu boto, as vezes gosto de botar sempre casa da canoa só isso. Mas ninguém bota não. Calor?

**Larissa:** É, tá calor mesmos. Abafado. Ah então é só isso Senhor Celso. Muito obrigado pela entrevista.

**Senhor Celso:** De nada. Se precisar de mais alguma coisa, se tiver mais dúvidas. A gente tá para isso.

**Larissa:** Humrum. Tem como tirar umas fotos das ferramentas?

**Senhor Celso:** Minha filha, se não queimar, né. De boa.

**Larissa:** Queima é? Haha.

**APÊNDICE B – Entrevista com o Senhor Fernandes, aprendiz do senhor Celso,  
realizada em 08 de dezembro de 2023**

**Senhor Celso:** Barroso! Aquele rapaz trabalha comigo, quer falar com ele um pouquinho?

**Larissa:** Ah! Ele trabalha com o senhor. É um dos seus aprendizes, né?

**Senhor Celso:** Faz o favor aqui!

**Larissa:** É um daqueles que vão ficar?

**Senhor Celso:** É, esse aqui, trabalha comigo. Tô achando. Quer falar um pouquinho com ela, não? Em respeito ao serviço? Ela quer fazer umas perguntas. Esse aqui trabalha comigo.

**Larissa:** Você é o aprendiz do senhor Celso, né?

**Senhor Celso:** Isso.

**Fernandes:** É.

**Larissa:** O senhor mantém isso aí, quer esse interesse de fazer canoa?

**Fernandes:** Rapaz, quero sim.

**Larissa:** O que o senhor vê assim, para manter essa tradição de fazer canoagem? O que tem para a população? O que eles têm que fazer?

**Fernandes:** Rapaz, para mim é uma tradição que não pode deixar acabar, né. É uma coisa bonita, todo mundo que chega aqui gosta também.

**Larissa:** Como é o nome do senhor? É Barroso?

**Fernandes:** Fernandes.

**Larissa:** Fernandes Barroso?

**Fernandes:** Não, é só Fernandes. O apelido é Barroso.

**Larissa:** Ah. É apelido, como é conhecido aqui, né?

**Fernandes:** É.

**Larissa:** Entendi.

**Senhor Celso:** Aqui uma observação. Tem um amigo da gente que o nome dele é Francisco, mas ele é conhecido como quarenta, muita gente não chama ele de quarenta por conta daquele negócio de fracções. Tem muita gente que fica com medo de chamar ele, né.

**Fernandes:** Nós chama mais agora de cinquenta, cinquenta.

**Senhor Celso:** É Francisco, o pessoal tá chamando mais de Francisco.

**Fernandes:** Quando não é cinquenta, aí chamava de quarenta.

**Senhor Celso:** Toda vez que eu falo com a repórter, ontem mesmo tinha uma menina que ligou da Clube, né. Queria falar uma reportagem. Minha filha, não dá porque estou no Maranhão. Senhor Celso, e o senhor não pode me ajudar? Posso. Eu tenho o rapaz, amigo meu o quarenta. Não. Quando falei quarenta, ela falou não.

**Larissa:** Ela ficou com medo. Quero não.

**Senhor Celso:** Aí tive que explicar para ela. O nome dele é Francisco, mas ele é conhecido como quarenta. Não, mas vamos chamar ele mesmo de Francisco. Aí tudo bem, passei o contato e botei Francisco. Mas ela falou com ele, não sei se fez a reportagem hoje. Mas pode ficar à vontade.

**Larissa:** O senhor tem como ideia, como era fazer canoa antes e como é agora? A mudança. O senhor começou quando?

**Fernandes:** Não. Eu comecei aqui, já vai com três anos já.

**Larissa:** Ah, é recente, né.

**Fernandes:** É recente. Eu não sabia nem, nem ideia não.

**Larissa:** E como surgiu o interesse de fazer canoa?

**Fernandes:** Rapaz, eu vim aqui fazer uma limpeza aqui, só limpar mesmo aqui. Aí depois que passou três semanas, ele me chamou para trabalhar com ele. Aí eu vim, comecei a pregar, né. Dá os pregos no meio, aí fiquei aqui, ele gostou também.

**Larissa:** Aí tá aí, desde então, né.

**Fernandes:** Aqui eu aprendi a pintar, a estocar canoa também.

**Larissa:** Já fez uma sozinha? Já né, já é profissional.

**Fernandes:** Não, ainda não.

**Larissa:** Não, ainda não?

**Fernandes:** Não.

**Larissa:** Por que? Que tem medo, mais ou menos?

**Fernandes:** Não, ainda não fiz sozinho ainda não.

**Larissa:** Mas tá quase.

**Fernandes:** Aí vamos chegar lá, né.

**Larissa:** Vai sim. Fé em Deus.

**Fernandes:** Fé em Deus.

**Larissa:** Aí é o senhor né? Fernandes. E quem é mais os aprendizes do senhor Celso?

**Fernandes:** Aí tem outro agora que é mais novo, é o Juan. E o, que trabalha com ele mesmo, que tem mais de vinte anos, o Daniel.

**Larissa:** Que, é o sobrinho dele né?

**Fernandes:** Esse já arma canoa, já dá para fazer uma sozinha, ele.

**Larissa:** Ah sim. O senhor tem quantos anos, mesmos?

**Fernandes:** 25. Aí o outro tem 17, ainda vai para a escola. Só trabalha com nós, à tarde, ele.

**Larissa:** Ah, ele faz o ensino médio, né?

**Fernandes:** É. Ele tá com nós, só a tarde. Que não pode deixar o estudo, né.

**Larissa:** É, pode não.

**Fernandes:** Tem que estudar. Tem que estudar também, não é só trabalhar também não.

**Larissa:** E essa escolinha que o senhor Celso, tava falando. Mas é mais para esporte, né?

**Fernandes:** É. Canoagem aí.

**Larissa:** Será que você não tem interesse, não? De fazer uma escolinha de fabricar canoas?

**Fernandes:** Rapaz, seria bom, também né.

**Larissa:** Sim, seria muito bom.

**Fernandes:** Para todo mundo aprender.

**Larissa:** É e dá mais oportunidade.

**Fernandes:** Isso aqui é uma arte, aqui é uma arte, não pode deixar acabar também.

**Larissa:** Pode não, é uma tradição, passada, né?

**Fernandes:** É.

**Larissa:** Fico feliz que o senhor Celso, tem mais aprendizes, eu pensava que ele tinha só um. Que era o Daniel. Que é mais que aparece nas entrevistas, que eu estava vendo as entrevistas deles. Aí aparecia mais o Daniel, mas ainda bem que tem mais dois.

**Fernandes:** É, nós somos quatro.

**Larissa:** É quatro aprendizes, ou é quatro com o senhor Celso?

**Fernandes:** Não, é quatro com ele.

**Larissa:** Com o senhor Celso. Ah então muito obrigado senhor Fernandes, pela entrevista.

**Fernandes:** De nada.

**APÊNDICE C – Entrevista com o mestre carpinteiro naval Senhor Celso,  
realizada em 30 de janeiro de 2024.**

**Larissa:** É mais para o senhor falar da sua história, do seu pai. De quem ele aprendeu fazer canoa.

**Senhor Celso:** Bom, papai aprendeu, ele aprendeu com um mestre chamado na época de jivão.

**Larissa:** De quem?

**Senhor Celso:** João. João ensinou ele também. E já eu aprendi com meu pai, todo tempo trabalhando com ele. Com a idade de 12 anos eu já fiz minha primeira canoa, de lá para cá eu não parei mais. Tô com 57 anos, caminhando para 58, mas todo tempo trabalhando. E eu costumo dizer que eu não aprendi fazer canoa, sempre tô procurando me aperfeiçoar mais ainda. Sempre procurando uma coisa diferente, aprendendo cada vez mais.

**Larissa:** Aí o senhor pode falar em relação a sua mãe que ainda mora aqui na beira do rio?

**Senhor Celso:** Mora a mamãe, ainda é viva ainda. Essa semana ela fez 93 anos, completou agora na semana passada. Mamãe é uma história do Poti ainda viva.

**Larissa:** O senhor também mora por aqui?

**Senhor Celso:** Moro onde tá aquele carro ali.

**Larissa:** Ah é bem pertinho.

**Senhor Celso:** É.

**Larissa:** O senhor pode falar desse novo modo que o senhor faz canoa. Que é para decoração, essas novas formas.

**Senhor Celso:** É o que eu te falei agorinha. Eu tô sempre procurando aprender. A bem pouco tempo atrás nós trabalhávamos com o breu. Hoje a gente tá trabalhando com fibra de vidro. Uma nova modalidade agora que vem a melhorar mais a canoa ainda. Quer dizer, a canoa feita de breu a durabilidade dela, era muito pouca. Em seis em seis mês você tem que tá renovando ela. E a canoa feita na fibra de vidro não, ela tem uma eternidade, geralmente canoa de 5 a 10 anos sem mexer nela, sem fazer reparo nela. Talvez é uma coisa que veio melhorar cada vez mais, que foi a fibra de vidro. E também agora, também. Vou te falar um pouco também da questão da canoa, que antigamente a gente fazia uma canoa quando era tudo manual a gente levava 1 mês a 15 dias ou quase 2 meses para construir uma canoa só. Hoje nós construímos uma canoa em três dias, por quê? Porque, por conta da evolução das máquinas também. Então, mas isso não quer dizer que a gente não deixa de ser um profissional ainda da canoa.

**Larissa:** Artesão.

**Senhor Celso:** Nós somos ainda artesãos da canoa. Porque as vezes a gente é questionado sobre a questão de artesão. Que quando você começa a trabalhar com máquina, você deixa de ser artesão. No caso da canoa não, não muda não. Porque cada uma canoa tem uma tábu, cada tabua tem uma medida. É diferente de marcenaria, que cada medida serve para todo o serviço. E a canoa não, cada canoa é uma canoa, cada uma medida é uma medida diferente. Então a esquadria da canoa tá na nossa cabeça mesmo. Então não tem como dizer que nós não somos artesão, nós somos artesão ainda.

**Larissa:** Senhor Celso, qual era o nome do seu pai?

**Senhor Celso:** Celso também.

**Larissa:** Ah. O senhor é Celso Junior.

**Senhor Celso:** Eu sigo tudo, que o papai tá fazendo eu tô seguindo. Papai era funcionário, ele trabalhava de vigia em escola do Estado e eu também sigo a profissão dele também, só que eu sou de município. E nas horas vagas eu estou trabalhando com canoa. Então eu faço as mesmas coisas que meu pai fazia.

**Larissa:** Entendi. Ah e antigamente o seu local de trabalho não era aqui, não era?

**Senhor Celso:** Era aqui, só que debaixo de um pé de manga. Antes do rio derrubar o pé de manga.

**Larissa:** Ah, por que ele veio mais para cá, né?

**Senhor Celso:** Ele veio mais para cá. Veio comendo e veio derrubando.

**Larissa:** Que era mais pedras, né?

**Senhor Celso:** Não era mais pedras. Porque era mais pra lá o rio. E ele veio derrubando só para cá. Desse lado aqui existe uma fila de casas e aí que era o rio no fundo do quintal que era o rio do pessoal. Então caímos aqui, debaixo dessa ponte agora aqui.

**Larissa:** O senhor tem irmão?

**Senhor Celso:** Eu tenho um irmão, mas meu irmão não quis trabalhar com essa área não. Agora meus filhos que eu botei para trabalhar todos os três. Três homens, todos os três aprenderam trabalhar a fazer canoa. Mas não gostaram, estão na área de marcenaria. E agora para continuar meu trabalho, nosso trabalho, o trabalho do papai. Esta aí o Daniel que é meu sobrinho, você não entrevistou ele. Mas ele tá continuando. Vai dá continuidade, acredito eu que ele cai dá continuidade.

**Larissa:** Ele tá com quantos anos com o senhor?

**Senhor Celso:** Daniel?

**Larissa:** Aham.

**Senhor Celso:** Ele tá com uns 45 por aí, umas coisinhas.

**Larissa:** Fazendo canoa?

**Senhor Celso:** Não. Trabalhando a vida toda ele trabalhando com a gente aqui, mas acho que é desde de criança que ele tá com o Papai e depois trabalhando comigo.

**Larissa:** Ah, então ele aprendeu com seu pai também, né?

**Senhor Celso:** Com o papai também. Um pouquinho com o papai e o resto comigo.

**Larissa:** Hum rum.

**Senhor Celso:** Que mais?

**Larissa:** Ah, então era só isso mesmo. Era só para complementar.

**Senhor Celso:** Tá certo, então.

**Larissa:** Aí o senhor pode falar essa questão da canoa sofá? Que agora o senhor aluga...

**Senhor Celso:** Bom a canoa sofá é aquela coisa que eu te falei agorinha. Eu tô procurando sempre me aperfeiçoar, sempre procurando coisas pra mim é uma satisfação de aprender cada vez mais. Eu não quero ficar só naquela coisa antiga, só naquela canoa. Então se o cliente chegar conforme as necessidades dele, eu vou dizer o que eu tenho que fazer para ele.

**Larissa:** Não, mas essa aqui é uma nova forma interessante.

**Senhor Celso:** É uma nova forma aqui. Uma canoa sofá que serve para enfeitar. Já aluguei muitas delas até para casamento também, aniversário de 15 anos. Por incrível que pareça, até aniversário de 15 anos eu aluguei ela.

**Larissa:** E já chegou alguém querendo comprar assim?

**Senhor Celso:** E muito. Eu já vendi muito delas também, então é uma coisa que dá certo. Tenho essa aqui como modelo, entendeu?

**Larissa:** Aí o senhor tem só ela, como... assim por fora?

**Senhor Celso:** Como modelo, só ela. Mas tenho mais três modelos lá dentro pequeno. Tenho de um metro e meio, tenho de dois metros e outra de três metros e meio que tá ali que você pode aproveitar e tirar foto delas.

**Larissa:** Vou tirar.

**Senhor Celso:** Então essa mudança que o senhor faz do sofá. Tem mais coisas que o senhor faz?

**Senhor Celso:** Tem. Essa que eu tô te falando, a canoa sofá e as canoas pequenas também é usada também. Tem canoa que eu já coloquei freezer dentro dela para conservar cerveja também. Tudo isso...

**Larissa:** Ah sim. Para festa, né.

**Senhor Celso:** Para festa.

**Larissa:** Seria bom.

**Senhor Celso:** Então eu não tô usando a canoa só para pescaria mais não.

**Larissa:** Aham. É um novo modo.

**Senhor Celso:** Então eu pergunto para o cliente para que ele quer a canoa. Conforme a necessidade do cliente eu vou dizer que tipo de canoa ele vai usar. Também a gente tem a canoa grande que é para atravessar que é para fazer passeio, tem também essa grandona. Que é aquela que tá ali, que você tem que tirar foto dela. Ela é bem grande, é a maior que têm.

**Larissa:** Qual é?

**Senhor Celso:** Então têm vários tipos de opção hoje. Antigamente não, era só pescaria.

**Larissa:** Que era só para a pesca.

**Senhor Celso:** Que graças a Deus o mercado ampliou cada vez mais. A necessidade de buscar mais conhecimento ainda, eu ainda não aprendi, quero aprender mais ainda.

**Larissa:** Então o conhecimento vai evoluindo igualzinho aos seus equipamentos, né? Que o senhor mudou.

**Senhor Celso:** Com certeza.

**Larissa:** Foi mudando também.

**Senhor Celso:** Isso.

**Larissa:** Ah então assim a gente finaliza.

**Senhor Celso:** Isso.

**Larissa:** Da para complementar. Obrigada senhor Celso.

**APÊNDICE D – Depoimento com o artista Ulisses de Andrade Lima da exposição da carpintaria naval em miniatura, realizada em 13 de abril de 2024 no Museu do Piauí.**

**Ulisses:** Falo também da influência da construção naval na parte litorânea da região do Piauí.

**Vinícius:** Que legal.

**Ulisses:** Então inclusive, já caindo para área de arqueologia. Aí eu digo, como eu sou praticamente sou daquela região, agora vou fazer um trabalho mais a Fundo. Vou saber como anda essa construção. Aí foi a oportunidade que eu tive também de verificar se realmente naquela região tinha contato na área.

**Senhora do museu:** Eles querem ouvir também o que senhor vai falar.

**Vinícius:** Ah, aí a gente liga o microfone, aí o senhor já fala.

**Senhora do museu:** Vocês se comporte e faça silêncio, para entender o que ele vai falar. O artista tá bom?

**Alunos:** Tá!

**Senhora do museu:** Valeu, minha parte já cumpri, tá. Tchau.

**Alunos:** Tchau!

**Senhora do museu:** Seja bem-vindo, e traga mais pessoas.

**Alunos:** Tá.

**Senhora do museu:** Então Tchau.

**Alunos:** Tchau!

**Ulisses:** Bom prazer. Vou fazer um resumo rápido. Todos vocês já deram uma olhada nas embarcações, né. Estou aqui explicando para o pessoal da universidade, os estudantes dessa área. De como foi o processo de construção dessas embarcações, o que é que é a carpintaria naval, qual é o significado dela hoje, né, no mundo. Por isso a gente tá fazendo o trabalho de trazer essas embarcações, para que as pessoas só não veja, só na fotografia, só na imagem. E outra coisa a questão também da valorização do carpinteiro naval, que é uma coisa, que a pessoa passa e ver a canoa e não sabe quem fez, como fez, qual é o segredo de construir, porque elas se equilibram ou não de um lado para o outro. E aí, eu trazendo ali, fazendo a história de cada uma, as pessoas vão entendendo melhor o que é uma arte de fazer uma canoa. Bom, como eu estava conversando com vocês, quando eu fui para campo, eu descobri que ali não existia nenhum traço de nenhuma embarcação que fosse assim originalmente uma embarcação europeia. Já o contrário do que aconteceu em São Luís, lá já tem essas embarcações. Em São Luís, elas são tombadas, elas têm todos os traços de uma canoa europeia, que as pessoas chamam de bastardo, aquela canoa que têm um mastro bem alto, bem elevado, um mastro central. E aí, lá naquela região do litoral do Piauí, eu não encontrei nenhuma embarcação que fizesse e me dissesse que essas aqui têm, desde que eu estudei para se ver se modificando aqui, modificando ali. Qual é o traço que têm uma e outra não têm, aí eu fiquei...

**Vinícius:** Desculpa. É o naufrágio? Você chegou a ver os naufrágios? Sítios de naufrágios?

**Ulisses:** Eu não vi nenhum sítio de naufrágios, mas dizem que têm, mas fica. Como eu não faço arqueologia subaquática, não tem como eu fazer isso. Mas tem uns pedaços, nunca encontrei, mas o que eu vi lá, não deu para identificar. Mas outra coisa, em condição em São Luís, São Luís têm, Camocim têm, Porque encontrei algumas embarcações no porto de Luís Correia que é um porto de pesca, e lá eu encontrei um bastardos, ai eu digo pronto. Ai o cara diz, nós somos de Camocim e tal, aí eu fui até Camocim, ai Camocim têm mesmo. Mas para me desviar do meu trabalho, meu campo

de pesquisa para ir lá em Camocim, aí vai ser mais complicado. Aí eu optei para por fazer um trabalho mesmo, por fazer um trabalho de etnografia, mas voltado para a área de antropologia.

**Vinícius:** Sei.

**Ulisses:** Aí fui trabalhar com pescador, né. Ver como é o dia-a-dia deles, me infiltrei nas famílias de uns dos outros. E ali eu fiz meu trabalho. E aí nasceu minha paixão pela carpintaria naval, porque eu via e visitava os estaleiros. Lá tinha um estaleiro, mas na verdade não é um estaleiro, eles fazem uma canoa dessa no meio do tempo, na beira do rio, na beira da praia e lá eles vão trabalhando. Mas é... ei, vocês querem fazer umas perguntas?

**Vinícius:** Certo. Eu tenho várias. Mas... vocês querem fazer alguma pergunta gente? Só para contextualizar para vocês aqui. O Ulisses foi o artista que fez as obras das miniaturas, ele é formado em história e em arqueologia, tá. Eu sou o professor de arqueologia da universidade federal daqui do Piauí. Não sei se vocês sabem, que tem um curso de arqueologia, vocês sabiam disso? E aí eu queria fazer uma pergunta bem básica para vocês. O que vocês acham que a arqueologia tem a ver com barcos? O que vocês acham que a arqueologia tem a ver com barcos? Tipo embarcações?

**Vinícius:** Entenderam a pergunta? Por que um arqueólogo iria fazer né, o Ulisses é arqueólogo. Por que ele fez as miniaturas? O que a arqueologia tem a ver com isso? Vocês sabem o que é arqueologia? Alguém tem alguma dica? Ou uma opinião sobre isso? Quando eu falo a palavra arqueologia o que vem na cabeça de vocês? A primeira coisa que vem na cabeça de vocês?

**Ulisses:** Pode falar gente.

**Vinícius:** Pode falar gente, não tem problema não. Não tá valendo nota não. Pode ficar tranquilo.

**Vinícius:** Tipo o quê? Egito?

**Professora dos alunos:** A palavra é arqueologia.

**Vinícius:** Vocês sabem o que é arqueologia? Já ouviram falar disso?

**Alunos:** Não!

**Vinícius:** Não? Vocês conhecem a Serra da Capivara? Ou já ouviram falar da Serra da Capivara? Não tem aquelas pinturas? Aqueles desenhos na pedra, os machadinhos, os artefatos que vocês viram lá em cima? Então arqueologia estuda essas coisas. Arqueologia na verdade, a gente estuda o que as sociedades deixaram de material né, então a gente estuda as coisas dessas pessoas para poder entender como elas viviam ou como elas vivem, tá. Basicamente é isso. E aí, a outra pergunta é. O que vocês acham que arqueologia têm a ver com barco, né. Que geralmente a gente tá acostumado com essa arqueologia que trabalha com o passado muito distante, né. De pintura rupestre, com essa produção e não dá muita atenção para essa arqueologia que é um pouco mais recente, mas a gente tem por exemplo inclusive aqui no litoral do Piauí, vários sítios arqueológicos que são navios naufragados, né. Então vários navios que vieram da Europa, aí o Ulisses pode até falar melhor que eu. Vários navios que vieram da Europa naufragaram, né. E a gente tem por exemplo essa produção de barco de canoa, inclusive aqui em Teresina, né. Já muito antiga e isso permanece até hoje, atualmente a gente por exemplo. Não sei se vocês conhecem é ali no Poti velho, tem o senhor Celso que é um artesão que ainda produz canoa, né, de maneira manual, obvio que adaptada, mais com o conhecimento tradicional, tá, é só para vocês entenderem, porque a... Oi? Porque a gente trás. Ai a gente pediu para o senhor Ulisses para fazer uma conversa para gente. Eu sou professor e os meninos são do curso de arqueologia e a gente pediu e ele, né, muito educadamente se prontificou para vir conversar com a gente sobre a exposição dele, tá bom? É só para vocês terem uma ideia assim. Ulisses eu tenho algumas perguntas na verdade assim. Então a expiração de fazer a exposição aqui veio de sua pesquisa obviamente, e como a gente leu, ali da pandemia, que não se pode falar mais em pandemia. É isso?

**Ulisses:** Foi exatamente. Eu aproveitei o período do auge da pandemia, aquela história que você não pode sair de casa, tá fechado, aquela coisa que tem que ficar dentro de casa enfunado não é brincadeira. Então aí veio a ideia de construir um barco. Vou aproveitar e fazer um barco para colocar na minha estante. Mas de como vou fazer esse barco, de quê? Aí veio a ideia de fazer o barco de papelão, que era a única coisa matéria que eu tinha lá em casa. Era papelão, tinha muita caixa de papelão. Aí eu peguei e fui atrás de uma planta que a gente chama de planta, mas na realidade são planos de construção. Que eu vou fazer baseado no plano de construção. Aí escolhi uma embarcação que tinha um plano de construção dela e fui moldando com o papelão. Quando terminou, como eu fiz com papelão, ela ficava assim meio bamba, né. Que com papelão, você não tem como ficar fixa. Aí eu amassei o papelão todo, e fiz as quilha da embarcação e fiz com madeira, peguei um pedacinho de madeira e fui fazendo a quilha e o resto eu fiz de papelão, preenchi com massa, né. E depois eu pinte e deu resultado, que foi muito bom. Aí pronto, daqui para a frente eu vou fazer outro. O pessoal falava, olha ficou muito bom e tal. Tem uma coisinha aqui, um detalhe aqui, mas vou fazer outro. E agora com que material vou fazer? Que eu não quero mais fazer de papelão, que papelão dá muito trabalho. Não pode molhar, não pode... se você é... pode ficar torto, que é muito difícil você controlar uma estrutura de papelão, é muito difícil. Aí eu já misturei um pouquinho com madeira, pelo menos a quilha que é a parte principal da embarcação, que é o esqueleto. Eu vou fazer de madeira, eu fiz e deu certo, daí eu parti para a segunda. Eu fui um pouquinho mais ousado, porque na segunda eu fui fazer uma embarcação que tinha detalhes e mais detalhes que só uma pessoa que sabe trabalhar com... é... moldando uma peça que pode fazer. Que é aquela embarcação lá, que é a galeota imperial.

**Hudna:** Eu ia perguntar se era se é talha ou ele é...

**Ulisses:** É tudo detalhado, isso. Fiz tudo talhando. Aí eu comecei a fazer aquela embarcação lá, que é a galeota imperial, né. Porque meu filho ele é muito impressionado com essa monarquia no Brasil. Aí ele chegou quando eu fiz o primeiro barco, e mostrou para mim a fotografia da galeota. Ele disse, ô pai, quero que o senhor faça é essa daqui. Aí eu disse, pera aí. Aí é demais cara. Que o detalhes que tem naquela embarcação é uma coisa absurda, aquela alegoria todinha, símbolos da monarquia. Aí eu disse: eu vou tentar,

vou tentar fazer. Aí comecei a fazer ela, mas onde consigo o plano de construção desta embarcação? Aí ele fez uma busca no museu nacional e encontrou o plano de construção dela. Aí quando ele encontrou eu disse: pronto, já me deu o caminho, vou começar por aqui e fiz. Depois de toda feita a embarcação, a parte principal que era aquela carranca que tem na frente da embarcação. Aí eu disse de que vou fazer isso? Pensei em fazer com maço, o maço não ia dar certo. Aí foi quando eu estava em uma oficina mecânica, e tinha um pé de cajá do lado bem gigante, né? Com aquelas cascas bem grossas, aí o rapaz que tava lá, com brincadeira tava dizendo que aquelas cascas eram boas para chá, aquela coisa toda. Não professor, é bom para fazer chá. Aí ele quebrou um pedaço dela assim, e eu levei para casa, e lá em casa eu peguei e cortei ela e deixei as pecinhas tudo em quadradinho e eu vi que ela era muito fácil de você com o estilete, você moldar. Aí eu disse: tá aqui cara, achei como vou fazer, vou fazer essa alongaria todinha. E comecei a fazer e.. Talhando a própria peça, às vezes ela é muito frágil, mas se você souber trabalhar, você não perde a peça. Então pronto, para frente uma das matérias-primas que eu uso é a casca das cajazeiras. Eu vou até mostrar para vocês ali a casca de cajazeiras.

**Vinícius:** Ulisses então, porque estou achando interessante da sua fala que é muito parecida com o artesão tradicional, né? Que não tem um livro, uma fórmula para fazer, você vai experimentando os materiais e construindo ali a coisa toda e vai se transformando, né? Você tinha alguma experiência anterior? Foi a primeira miniatura que você fez, foi?

**Ulisses:** A primeira. Nunca fiz nada.

**Vinícius:** Do zero. Você nunca tinha feito aula, nada, nada?

**Ulisses:** Nada.

**Vinícius:** Caramba.

**Ulisses:** Aí durante a construção da galeota, eu descobri um supermercado e lá o cara tava descartando caixas, e eu vi um caixote de madeira, né? Caixote de madeira de fruta. Aí

eu vi pin, aí quando eu vi as lâminas de pin, mais ou menos dois milímetros e meio. Aí eu disse: é com esses tipos de material que eu quero trabalhar. Porque ela já vem com um tecido legal para cortar, já vem no ponto. Só faço desmanchar a caixa, lixar as peças e cortar, pronto. Aí minha matéria-prima passou a ser os caixotes e a casca das cajazeiras.

**Vinícius:** Que legal.

**Ulisses:** Tanto que já tenho o estoque para mim trabalhar o ano inteiro.

**Vinícius:** Aí você abandonou de vez o papelão?

**Ulisses:** Abandonei de vez.

**Vinícius:** Tal por exemplo que a gente consegue ver as mudanças na materialidade da sua obra né antes era papelão depois você começou a se adequar com outras coisas a se relacionar melhor com outros materiais para fazer aquilo. Muito legal.

**Ulisses:** E o mais interessante ainda, é que tem outro tipo de material, que foi descartado que eu achei que ia me servir. Que é para fazer o mastro, muitas peças de segurança das embarcações que foi, que a gente encontra no meio da rua aí, os fios de fibras.

**Professor Marcelo:** Pessoal bom dia. Eu sou o professor Marcelo da escola municipal da União na zona rural, professor de história. E eu trouxe essas crianças entre aspas do nono ano para fazer a visita hoje. Eles saem 06:00 horas em ponto para União e estão só com o café. E a gente pede desculpas, né, mas temos que sair.

**Vinícius:** Claro, sem problemas.

**Ulisses:** Tudo bem, fique à vontade, se quiserem voltar.

**Professor Marcelo:** Tá bom, obrigado.

**Ulisses:** Aí essas fibras óticas né? Eu encontrei um pedaço de fio, e vi que a fibra ótica e descasquei o fio. Imaginei assim: o que isso pode me ajudar, o que pode servir, levei para casa. Primeiro eu li para saber como manipula aquilo ali, que a fibra ótica não é difícil que ela quebra, você dobra ela e outra coisa, ela é muito perigosa que ela é feita de vidro. Você tem que ter cuidado na hora de cortar, e também para não ficar com o pó nos seus dedos. E eu aproveitei ela para fazer o mastro de uma embarcação que eu tenho lá, que é o veleiro.

**Vinícius:** Entendi.

**Ulisses:** Entendeu. E outro material seria o alumínio, as latinhas de refrigerante. Que quando eu preciso eu pego e corto, faço uma peça, faço outra. Principalmente dobradiças, dobradiças de portas, eu faço de alumínio. Então todo o material que eu utilizo aqui é material reciclável, todo mundo tem. Fora o único material que eu compro mesmo é a tinta e as coisas artificiais, mas fora isso aí, todo material eu adquiro mesmo por descarte.

**Vinícius:** Muito legal. Alguém tem alguma questão? Acho que a Larissa deve ter uma lista, né?

**Larissa:** O senhor, aquela canoa que o senhor fez, né? Aquela monóxila. O senhor usou a madeira de cedro, né? Que na última vez que o senhor falou?

**Ulisses:** Qual é?

**Larissa:** Aquela lá. A única canoazinha que têm.

**Ulisses:** Ah! Aquela Carajás.

**Larissa:** Aham. O senhor usou a madeira de cedro?

**Ulisses:** Cedro.

**Larissa:** Então o senhor tenta se aproximar mais dos materiais usados antigamente?

**Ulisses:** Sim. Porque no caso da canoa Carajás se fazia de cedro. Hoje em dia não se faz mais de cedro, faz mais de outras madeiras. Porque há muitas restrições do governo federal desses órgãos ambientais em relação ao uso da madeira. E isso aí, você faz uma canoa desse aí, fazia e durava 20 ou até 50 anos. Hoje em dia com base nas ações de madeira que são consideradas madeiras de lei que são proibidas. Ninguém pode chegar e cortar uma árvore e fazer uma canoa, aí o que eles estão fazendo com peças até de descarte, quando não de naufrágio, eles se aproveitam e constrói uma canoa. Aí a outra que são outras madeiras, o pequi por exemplo é uma madeira que se usa muito também, mas tem essa questão da restrição, tanto que eles faziam uma canoa ontem, quando tá com um ano ou dois anos, essa canoa não presta mais. Ela já apodreceu, ela já perdeu a validade. Mas a canoa Carajás, eu coloquei Carajás porque ela é origem indígena no Amazonas. Mas já na região sul do Brasil, ela é conhecida como canoa caiçara, entendeu? Existe muitas canoas na região de São Paulo, Santa Catarina que são feitas de uma peça de uma madeira só. Muitas delas, é aproveitada de madeiras que estão em fundo de rio, ou então que tem que ser tirada que vão construir uma estrada ou alguma coisa, um loteamento. Aí tem permissão de tirar aquela madeira, mas fora isso, não se usa mais madeira de uma peça só. Madeira é boa, mas a madeira é aproveitada.

**Vinícius:** Sim.

**Larissa:** Então o senhor usou só para se aproximar mais?

**Ulisses:** É. Para se aproximar mais.

**Larissa:** Aí tem umas embarcações com folha de bambu, né? Que o senhor usa.

**Ulisses:** Bambu mesmo, eu uso. Tem umas embarcações, por exemplo as embarcações coreanas, a japonesa, a chinesa. Todas elas a matéria-prima delas são o bambu. Tanto que que nas embarcações eu utilizei assim, eu não lembro como eu já fiz, que os chineses eles estavam muito adiantados em relação aos europeus na área de construção de embarcações.

Só que o problema é que até os europeus chegarem na china ou a china entrar na Europa, foi séculos e séculos. Quando os europeus começaram a descobrir uma embarcação chinesa, descobriram que eles não estavam tão avançados tecnologicamente como os chineses, por quê? Tem um detalhe muito interessante, eles fizeram as embarcações deles baseado no bambu, então o seguinte, antigamente todas as embarcações elas eram feitas um pouco aberta, geralmente tendo um casco sem divisórias. E as divisórias às vezes era apenas lugar para colocar alimentos, itens que eles iam levando. Mas não se preocuparam em refazer no fundo da construção, dividir esse fundo para que quando tivesse um acidente e batesse em alguma coisa, ela não inundar. E os chineses se basearam no bambu, eles fizeram tudo como compartimento.

**Vinícius:** Ah, que legal.

**Ulisses:** Então, quando havia... eles batiam em uma pedra ou em alguma coisa qualquer, em um barranco. Podia furar o casco, mas na mesma hora eles lacravam, para que a água não passasse. E eles iam embora até consertar. E ao contrário das caravelas e muitos outros navios, tanto português, espanhol e inglês naufragaram na primeira pancada que eles pegavam e afundava.

**Vinícius:** E faz muito sentido o que o senhor falou. É bambu né, com o bambu é assim, os nós deles.

**Ulisses:** Cada nó daqueles, separam um espaço do outro. Então eles fizeram juntos baseado no bambu, por isso que na hora que: A furou aqui. Eles lacram na mesma hora, lacram e vão embora. Se você pegar a história da viagem de Colombo e de Cabral, quantas caravelas e quantas embarcações eles saíram e quantas voltaram. As outras tudo naufragaram. A principal do Colombo naufragou ainda lá e nem voltou. Então isso é uma prova que eles estavam na frente. Nas viagens de Marcos Polo, que foi o único europeu que chegou primeiro na Ásia, na China, ali. Ele quando chegou, ele contou as histórias e ele ficou maravilhado quando ele via aquele muito de embarcações chinesas, só que ninguém acreditou nele. Ele disse: olha nós estamos atrás, e eles disseram: você tá louco cara, ele fez uma viagem maluca ai e tá com história. Ali aquelas embarcações que eu fiz

ali, tenho uma embarcação que vocês viram ali. Aquela embarcação do rei Kuflu, né. Aquela embarcação inclusive a cor que ela tá ali, aquele tipo de envelhecimento, eu dei aquilo ali, baseado sabem em quê? Eu fiz aquele envelhecimento baseado no... experimentando. O que ficava melhor. Tinta, verniz, nada dava certo. Uma vez eu fiz com aquela graxa de sapato, lixei a madeira e a madeira ficou no ponto de receber a graxa. E eu passei a graxa de sapato e deixei passar uma meia hora e aí veio o brilho. Deu o brilho, pronto. Tá aqui o processo de envelhecimento já está aqui. Quando eu comparo ela com a original que tá lá no Egito é a mesma cor. Porque lá é o cedro do líbio e ali eu fiz na forma que parecesse cedro realmente. Se você pegar as peças, você olha e parece cedro. Ela dá a aparência. Até os cortes das peças é igual os cortes da outra que tá lá.

**Vinícius:** Certo. E para isso, obviamente envolveu muita pesquisa, né? Como o senhor mesmo falou. Foi atrás da planta, né? Dessas informações.

**Ulisses:** E tudo ali, eu posso até gostar da embarcação, mas se eu não tiver um plano de construção é difícil fazer só olhando.

**Vinícius:** Certo. Senhor Ulisses, aproveitando... pode falar.

**Aluna de arqueologia:** Não é porque eu fiquei curiosa que você falou sobre suas pesquisas com os planos de construção. Como foi o processo de pesquisa nas partes mais antigas?

**Ulisses:** olha nos sites que você entra aí, principalmente na universidade regional, eles chamam de universidade mas diz que é o centro de tecnologia que fica em Lisboa. Lá eles disponibilizam não só a história, mas alguns planos de construção de embarcações. E tem outras que são vendidas, vendida é mais complicado para você encontrar. Então é, como meu negócio não é desperdiçar nenhum tipo de recursos para comprar esse material eu faço o seguinte, eu copio eles e coloco um plano de construção desse e coloco no papel de A4 e diminui o plano todinho, né. E coloco no papel A4 e imprimo o papel A4 e depois eu pego isso aqui e vou ampliando aos poucos até chegar na escala que eu quero.

**Vinícius:** É uma engenharia reversa, quase.

**Ulisses:** É. Aí depois disso aí, eu construo a embarcações.

**Vinícius:** E os nacionais? Porque esses planos devem ter mais, eu imagino, né. Que é mais para as grandes embarcações, né? Ou não? Têm para canoa, para barco de pescadores?

**Ulisses:** Onde? Aqui ou lá?

**Vinícius:** Não. Lá. Esses planos de construções.

**Ulisses:** Esses planos de construções por exemplo, eu fiz ali aquela La Pinta que era umas das caravelas que foi de Colombo. Porque eu fiz La Pinta e não as caravelas que foram com Colombo? Porque não tem plano de construção. Até hoje todas as réplicas feitas a respeito das caravelas portuguesas são réplicas imperfeitas. Não são réplica da original, por quê? O máximo de informações que eles encontraram de uma caravela hoje, os arqueólogos. Eu digo os arqueólogos portugueses, o máximo que eles encontraram foi pedaço de quilha, nem 10% da embarcação. E eles encontraram, tem lá um arqueólogo que eu não tô lembrado o nome dele aqui. Professor lá, e ele faz um estudo e nesse estudo é exatamente para descobrir a caravela original. Ele pegou uma parte da quilha dela e tá lá, montadinho no setor onde ele estuda, passa o dia todinho lá dentro revirando fundo de rio para encontrar mais peças. Mas até agora conseguiu montar um pedaço da quilha. Pelo carbono 14 diz que é da época, mas não pode afirmar que seja dessa embarcação. Então todas as réplicas que foi feita em Portugal, elas não são réplica da original e nem são réplica perfeitas. A que foi construída aqui, que estão debaixo d'água. Aqui no Brasil foram construídas duas, uma na Bahia e outra parece que foi em São Paulo, não sei se é São Sebastião, mas a de São Sebastião virou museu, lá da Bahia tá debaixo d'água. É o valor que dão.

**Vinícius:** Para tirar isso, têm que ter um lugar muito correto para colocar, porque a mudança de pH vai destruir e provavelmente...

**Ulisses:** E aí, queria chamar atenção de vocês. Esse detalhe da construção das embarcações porque a gente não encontra o plano de construção lá de Portugal. Dom Pedro II, ele fez questão de apagar tudo que tinha, ele não queria que ninguém deixasse nada escrito a respeito da construção naval portuguesas. Porque Portugal estava lá na frente dos outros a muito tempo, em frente da Espanha, da Inglaterra, da França, da Holanda. Tanto que ele chegou em todos os lugares primeiro que todo mundo, chegou lá na Índia, chegou na Austrália. Chegou na Austrália 200 anos antes dos ingleses, quer dizer para você ter ideia. No Japão também, quer dizer, eles estavam muito adiantados e navegando com caravelas. As caravelas são um tipo de embarcação que ela é, sempre envolta da costa, ela não vai muito longe. Então quando ela estava em algum ponto de referência na costa, ela vai seguindo. E aí ela seguiu até dobrar no sul da África. Quer dizer até...

**Vinícius:** Até as tormentas, né? Chama de navegação de cabotagem?

**Ulisses:** É, cabotagem. É muito interessante por isso. E a caravelas elas se destacou, porque ela tem geralmente duas velas que chama de vela latina. Que são as velas que ficam retas e possibilita aí, viajar em ziguezague aproveitando o máximo vento. E enquanto aquelas outras que têm uma vela média no centro, geralmente quadrada, né. O pessoal chama redonda, mas é quadrada. Elas trabalham muito em questão do vento, parou o vento e ela já fica à deriva até chegar o vento de novo.

**Vinícius:** Mas alguma questão? .... Eu queria antes da gente entrar lá e continuar com a nossa conversa. Já adiantar os convites que eu quero fazer para o senhor, para não me esquecer depois no final. É... eu cheguei a convidar o senhor Celso para vir aqui hoje, né. Para ter essa conversa com a gente. Até porque eu queria que ele visse a exposição do senhor, mas ele não pode vir, porque ele está indo para o interior todo final de semana, porque ele está construindo um sitiozinho lá. Mas claro né. Eu queria convidar o senhor para ir lá e depois para ele vir aqui, né. E convidar o senhor para várias coisas, né. Primeiro porque a gente vai fazer uma exposição. O ano passado na festa dos pescadores, né, na festa lá no Poti velho eles convidaram a gente por causa desse projeto. O senhor Celso

convidou a gente para fazer uma exposição sobre pesca, né, e produção de Canoas na festa no meio da praça. Aí a gente montou essa exposição foi uma loucura, né, que a gente tem que montar em uma semana. Imagina uma exposição a céu aberto no meio de uma festa. E depois...

**Ulisses:** O que vocês expôs?

**Vinícius:** Então a gente expõe material de arqueologia, né. Tem o sítio Ininga ali, enfim. A arqueologia, o nosso norte foi o rio, a produção náutica, né, e a relação das pessoas com o rio. Então a gente expõe uma canoa antiga do pai dele, duas Canoas na verdade, antigas do pai dele. Os materiais de arqueologia e paleontologia, por exemplo: paleontologia coisa mais de peixes, ligada a água e de arqueologia desse sítio que a gente tem lá dentro do campus da universidade. E os materiais que o pai dele usava para a produção das canoas. Então né, a gente expõe esse material, algumas fotos e informações que a gente fez com a comunidade, né. Que quando ele convidou a gente para fazer a exposição a gente começou a fazer ou intensificou uma pesquisa com a comunidade para ver o que eles diziam do rio, qual as referências, né, culturais que eles tinham ali. E quais as relações que essa comunidade estabelece com o rio, né. Aí a pesca e a tradição de canoa são marcadamente as mais conhecidas, mas têm os vazanteiros, né. Tem uma série de outras questões. E aí, a gente montou essa exposição, foi uma exposição efêmera de um dia, que é só na hora da festa mesmo, né. Mas foi muito movimentado e esse ano ele convidou a gente para fazer de novo.

**Ulisses:** Quando vai ser?

**Vinícius:** Julho, né?

**Alunos:** Junho.

**Vinícius:** Aí eu queria já adiantar o convite para ver se o senhor não topa participar e a gente até expôs uma, não dá para colocar todas infelizmente, porque o espaço é curto. Mas a gente selecionar ou o senhor selecionar algumas para a gente colocar. Então esse

seria um convite, e o segundo convite que é muito parecido com esse, é porque na verdade, não sei se o senhor tá sabendo o museu de arqueologia e paleontologia, atualmente eu sou o diretor de museologia no museu e a gente tá fazendo um plano museológico. Todo museu precisa de um plano museológico, não sei porque em Teresina não têm, mas enfim. E aí a gente tá fazendo o plano museológico, o plano museológico também vai passar pelas uma reformulação da exposição da expografia do museu. E o museu vai fechar agora para uma obra, que a gente vai ganhar um segundo andar. É... você conhece o museu lá?

**Ulisses:** No tempo que criaram o museu não. Mas assim que mudou para lá, que terminaram aquela construção e inauguraram e colocaram, de não engano a coordenação foi para lá. Aí eu estive lá, mas não tinha nada ainda em relação ao museu não.

**Vinícius:** Ah não tava montado ainda. Então aí assim não tem nada em referente a pesca ainda no museu. Mas a nossa proposta é deixar uma área reservada, inclusive com essa pesquisa que a gente tá fazendo com o senhor Celso. Ele começou a coletar coisas na comunidade mesmo para doar para o museu. Então tem um jet-skis que um vizinho doou para a gente colocar. Então assim, a ideia é que essas peças e no museu a gente separe uma seção para a questão do rio, da pesca e da carpintaria náutica aqui em Teresina e no Piauí. E aí, também já fica o convite para o senhor, se o senhor quiser, a gente pode levar essa exposição temporária para o museu, que seria super interessante. A gente tem uma área de exposição temporária lá.

**Ulisses:** Coberta?

**Vinícius:** Oi?

**Ulisses:** A área é coberta?

**Vinícius:** É coberta. Mas aí é no museu, lá na universidade. Nessa exposição lá no Poti Velho não é coberta não. A gente até adaptou outra vez que a gente pegou uns aquários, né, e colocamos de cabeça para baixo assim, emborcado para ficar isolando as peças.

**Ulisses:** Eu sei, para que as peças ficassem todas protegidas. Eu até fiz o orçamento para fazer todas as peças, principalmente de acrílico. O vidro além de ser pesado, qualquer coisa pode quebrar e sai muito salgado. Mesmo usando a folha de acrílico de três milímetros e meio, seria ideal para fazer as caixinhas. Eu fiz o orçamento, mas eu vou fazer aos poucos, não dá para fazer tudo de uma vez, mas aos poucos vou mandando fazer uma e outra, até ter todas elas uma proteção. Até porque a maioria, todas as peças não são pregadas. Se alguém vier e puxar, sai do lugar.

**Vinícius:** E dá vontade de mexer viu. Confesso que quando não tem isolamento, ainda mais ela quando você vê que são articuladas, né. Então dá vontade mesmo.

**Ulisses:** Tudo. Você pode querer abrir uma portinha daquela e ver uma coisa.

**Vinícius:** Conheço gente assim. Conheço várias pessoas. Mas é isso Ulisses eu queria já adiantar esses convites, acho que seria nossa, super né, importante e produtivo para gente. E isso se o senhor topa, vamos tentar fazer uma miniatura das canoas do senhor celso, umas delas que o pai dele fez.

**Ulisses:** Sim. Você viu a canoazinha que eu fiz ali.

**Vinícius:** Sim. Vamos lá. Será que agora está mais calmo e vamos conversando

**Ulisses:** Eu tô fazendo, comecei a construção da Nina. A segunda caravelas de Colombo.

**Vinícius:** E agora o senhor não para mais. É isso?

**Ulisses:** Não, não paro. Eu tô com 22 anos que eu me aposentei e durante esse período todinho eu só ficava naquilo, eu fiz algum artigo para livros, umas coisas assim. E aí eu faço lá no estudo da zona costeira lá na UESPI.

**Vinícius:** Tem bastante publicação lá?

**Ulisses:** Têm. Têm um mestrando na Federal e outros são de lá também. E no ano passado tem mais um.

**Vinícius:** Larissa anota aí, que isso é importante. E isso se o senhor quiser também, lá para a frente juntar todo mundo e colocar esse pessoal também em publicações. Têm problema nenhum, a gente tá aqui para somar mesmo.

**Ulisses:** Tá. Inclusive eu tenho digital esses livros. Qualquer coisa eu posso passar para vocês.

**Vinícius:** Ótimo.

**APÊNDICE E – Entrevista com Daniel, realizada em 18 de abril de 2024.**

**Larissa:** Eu fiz umas perguntas no WhatsApp, deixa eu ver. A primeira é só quando tu começou a fazer canoa.

**Daniel:** Comecei a fazer canoa, eu tinha 20 anos.

**Larissa:** Foi com o senhor Celso ou com o pai dele?

**Daniel:** Foi com o pai dele. Foi com os dois.

**Larissa:** Ah, os dois juntos já faziam né?

**Daniel:** Foi.

**Larissa:** Qual era o nome do pai dele mesmo, é?

**Daniel:** É seu Cecé.

**Larissa:** Ah, então aquela canoa que tem ali, mestre Cecé...

**Daniel:** É homenagem a ele.

**Larissa:** Ah sim.

**Daniel:** Nós fizemos.

**Larissa:** Então faz quanto tempo mais ou menos?

**Daniel:** Eu já tô há uns 22 anos que trabalho aqui.

**Larissa:** E o senhor Fernandes tá com quanto tempo?

**Daniel:** O tio Celso, eu acredito que ele já tem uns 40. A vida toda dele, acho que ele tem uns 40 e poucos anos.

**Larissa:** Mas o senhor Fernandes é recente, né?

**Daniel:** É. Ele é recente. Acho que ele tem dois anos com a gente.

**Larissa:** Tinha o outro, né? O Juan, que desistiu.

**Daniel:** Não, o Juan tá pelo colégio. Ele começou agora também, mas ele só a tarde, quando ele chega da escola. Porque de manhã ele tá pelo colégio.

**Larissa:** Ah. Porque a última vez que eu vim, o senhor Celso falou que ele tinha desistido.

**Daniel:** Não. É porque ficou fraco aqui, aí ele foi trabalhar com um primo nosso ali em uma empresa de rastreamento.

**Larissa:** Ah, mas ele continua, né?

**Daniel:** Ele voltou.

**Larissa:** Ah. Então o que foi que te fez se interessar para fazer as canoas? Construir.

**Daniel:** Eu achava bonito o meu avô trabalhando, e aí eu ficava sempre por aqui na beira do rio e comecei a ajudar ele lá, e comecei a gostar. E aí pronto comecei a fazer e me apaixonei por isso aqui.

**Larissa:** E esse conhecimento que o senhor têm de fazer canoa, o senhor pretende continuar a repassar ele?

**Daniel:** Rapaz, é continuar e repassar ele para quem quiser, estamos sempre ensinando. Como estamos ensinando para o Fernandes, para o Juan. Quem quiser vim e quiser trabalhar com a gente a gente faz questão. Para não deixar cair, né.

**Larissa:** É verdade. O senhor tem filhos?

**Daniel:** Tenho.

Larissa - E têm algum interesse assim, eles?

**Daniel:** Só que é mulher. Duas moças.

**Larissa:** Ah e elas... mas vai que têm.

**Daniel:** Vai que têm, se elas vim a gente ensina. Mas para mulher é um pouco pesado, mas elas...

**Larissa:** É. Eu acho difícil mesmos, elas querer.

**Daniel:** É. Aqui é mais para homem, se fosse homem seria mais fácil.

**Larissa:** Os filhos do senhor Celso, eles não vieram mais, né? Mas ele falou que ensinou para eles.

**Daniel:** Eles começaram, começaram a trabalhar. Todos eles sabem. Todos os três sabem e aí só que depois que aprenderam foi para outra área. Móveis planejados, foram trabalhar com móveis planejados.

**Larissa:** Entendi. Então era só isso, Daniel.

**Daniel:** Pois pronto.

**Larissa:** Obrigada.

## **APÊNDICE F: Relatório de acompanhamento da Casa da Canoa dos dias 15 a 18 de abril de 2024.**

### **Etapas de construção – Casa da Canoa**

A realização do acompanhamento na Casa da Canoa pretende descrever as etapas de construção da embarcação, para o levantamento de informações do capítulo três intitulado como “O saber do mestre carpinteiro naval em Teresina, Piauí, Brasil”. Nesse relatório, abordaremos sobre os materiais utilizados no acompanhamento na construção da canoa contatados na Casa da Canoa, pelos construtores navais Senhor Celso, Daniel e Fernandes. E os métodos de trabalho adotados por eles, seguindo o cronograma de acompanhamento dos dias 15 a 18 de abril de 2024.

#### Materiais

Na construção dessa embarcação foram utilizados os seguintes materiais:

- Madeira Pequi (*Caryocar brasiliense*) cortado em bloco;
- Madeira Louro Canela (*Nectandra rubra*) tábua de madeira;
- Banca de disco;
- Serra de volta;
- Grampo;
- Pincel;
- Trena;
- Lápis;
- Furadeira elétrica;
- Pregos;
- Enxó;
- Martelo;
- Linha para medição;
- Bitola (pedaço de madeira de 32 centímetros);
- Lixadeira;
- Esquadro;
- Pedras e madeira para auxiliar na medida;
- Plaina elétrica;

- Plaina elétrica de mão;
- Serrote;
- Borracha;
- Massa acrílica.
- Manta de vidro;
- Resina de fibra de vidro;
- Vertex Fosco Verbras;
- Litro cortado para utilizar como recipiente;
- Pincel de rolo;
- Protetor faial
- Luvas látex
- Bota
- Mascara respirador pintura;
- Tinta.

✚ Métodos:

### **Dia 01 – 15 de abril de 2024**

Chegando na Casa da Canoa às 8:30 da manhã, o Senhor Celso e Fernandes já se encontravam no local. Foi realizado apenas o desenho e o corte das cavernas, sendo a primeira etapa de construção. Para essa etapa, foi utilizado um molde próprio de cavernas para a canoa que será construída. O Senhor Celso tirou, através desse molde de cavernas, para desenhar na madeira Pequi. Essa madeira foi comprada em uma propriedade com o pé de pequi já morto, tirada em bloco com uma serra na própria propriedade.

**Figura 1** – Desenho na madeira utilizando o molde de medição para as cavernas.



**Fonte:** Larissa Andrade, 2024.

Conforme o mestre carpinteiro, é geralmente utilizado em uma construção da canoa, quatro blocos de madeira para as cavernas, levada já cortada para a Casa da Canoa. Depois de já feito o desenho na madeira, ela é levada para ser cortada na banca de disco. Na figura a seguir, podemos ver até onde vai o corte das cavernas na banca de disco:

**Figura 2** - Desenho e o corte realizado na banca de disco das cavernas.



**Fonte:** Larissa Andrade, 2024.

O corte na banca de disco vai até esse limite por não dar essa curva que deve ter nas cavernas. Dessa forma, ela é levada para fazer o acabamento do corte com a serra de volta, uma ferramenta construída pelos próprios construtores navais, que não se encontra à venda. Para esse processo, a madeira é apoiada em uma mesa, utilizando o grampo para se manter firme e finalizar o corte com essa curva.

**Figura 3** - Finalização do corte das cavernas utilizando a serra de volta e o grampo.



**Fonte:** Larissa Andrade, 2024.

Essa primeira parte da construção foi apenas essas fases do desenho e o corte das cavernas, dando assim por encerrado o acompanhamento às 10:30 da manhã. A

embarcação é uma canoa para motor, com a medição de cinco metros e meio, que contem 13 casas de cavernas. Uma canoa pequena para remo pega 11 casas, para as canoas de motor é de 13 a 15 casas de cavernas. Na parte da tarde, foi feita apenas pelo Senhor Celso a compra da madeira Louro Canela, cortada com serra de fita, vindo assim já em forma de tábua, para o dia seguinte fazer a armação da canoa.

## **Dia 02 – 16 de abril de 2024**

Chegando na Casa da Canoa às 07:20 da manhã do dia seguinte, a iniciação do trabalho de construção para o dia foi numerar as cavernas, elas são contadas como pares que se tornam casas.

### **Cavernas:**

As cavernas maiores são a do centro da canoa, que são: casa X (centro); casa 06 e casa 07. Todas as cavernas foram furadas com a furadeira na ponta com a curva já feita. Depois das cavernas já furadas, ela é emendada uma com a outra, que vai se tornar uma casa completa. É pregado dois pregos em cada lado. Para esse processo é utilizada a ferramenta enxó. As casas laterais são: a casa 05; casa 08; casa 04; casa 09. Sendo a casa 05 e 08 voltada para o lado da proa. Já as casas (10,11,03,01) são acrescentadas apenas depois que já tenha colocado a proa e a popa da canoa na armação, devido à necessidade tomada de medidas já com a canoa quase armada, ficando assim todas as 13 casas.

**Figura 4 -** Cavernas sendo furadas para emendar uma na outra e se tornar uma casa.



**Fonte:** Larissa Andrade, 2024.

**Metragem tábua do meio:**

Para a etapa das tábuas, se inicia com a tábua do meio, é nessa etapa que são tiradas as medidas da canoa. A tábua do meio foi medida com cinco metros e meio. Senhor Celso, foi fazendo a linha da canoa com desenho e alinhando sempre com uma linha. Assim, com a bitola, que é um pedaço de madeira com 32 centímetros, é feita a metragem, a que é a dimensão da canoa, a divisão de uma caverna para a outra. Essa metragem é o desenho que vai às medidas aonde vão às cavernas. Depois que a tábua do meio é medida, passa para as duas tábuas da borda da canoa, tirando a medida e fazendo seu alinhamento pelo Daniel e Fernandes. Com todas as medidas das três tábuas. É cortada na banca de disco. A primeira é a tábua do meio que tem mais medidas. Com o auxílio da lixadeira, é usada para lixar a tábua. Como a tábua é torta, é feito também conforme as medidas o corte na banca de disco, fazendo o alinhamento de acordo com suas medidas.

**Figura 5** - Metragem da tábua do meio com auxílio da bitola.



**Fonte:** Larissa Andrade, 2024.

**Figura 6** – Medida e alinhamento das outras duas tábuas.



**Fonte:** Larissa Andrade, 2024.

**Figura 7** - Corte da tábua do meio na banca de disco.



**Fonte:** Larissa Andrade, 2024.

### **Armando a canoa:**

Para a etapa da armação da canoa, a tábua do meio é colocada suspensa por pedaço de madeira e é adicionada às cavernas conforme a metragem onde estão numeradas. A localização de determinadas cavernas é adicionada uma por uma e sempre são feitas medições.

**Figura 8** - Colocação das cavernas.



**Fonte:** Larissa Andrade, 2024.

Quando é feita toda a colocação das cavernas e verificadas as medidas, elas são retiradas e colocadas viradas em uma mesa para que a tábua do meio venha por cima e sejam feitos os furos pela furadeira e a aplicação dos pregos com o martelo logo em seguida para a sua fixação.

**Figura 9** - Fixação das cavernas na tabua do meio.



Fonte: Larissa Andrade, 2024.

Quando a tábua do meio está bem colocada com os pregos. Ela é posta com o apoio dos pedaços de madeira no chão para poder colocar as duas outras tábuas restantes, logo em seguida é usada a furadeira nas tábuas das bordas para assim pregar nela em todas as cavernas com os pregos. Para dar a curvatura da canoa, é amarrado com um cordão, fazendo a curva da canoa com a junção de suas pontas.

**Figura 10** - Fixação das duas outras tábuas nas cavernas.



Fonte: Larissa Andrade, 2024.

**Figura 11** - Amarração nas pontas das tábuas para o formato da curva.



Fonte: Larissa Andrade, 2024.

### Proa e Popa:

Na etapa seguinte, é a realização do desenho da proa (a parte da frente da canoa) e da popa (a parte traseira da canoa), ele é feito no bloco de madeira pequi, pelo Senhor Celso. É utilizado o esquadro, trena, lápis e um pedaço de madeira como régua.

**Figura 12** - Desenho da proa.



Fonte: Larissa Andrade, 2024.

**Figura 13** - Desenho da popa.



**Fonte:** Larissa Andrade, 2024.

Quando já feito o desenho da proa e da popa, são levados até a banca de disco e cortados. Para as curvas, é utilizada a serra de volta com o auxílio do grampo. Depois desse processo de corte, elas são medidas na armação da canoa e são acrescentadas novas retiradas caso seja necessário. Após esse processo, elas são lixadas e colocadas na armação, furando com a furadeira na tábua para entrar com os pregos.

**Figura 14** - Corte da popa na banca de disco.



**Fonte:** Larissa Andrade, 2024.

**Figura 15** - Corte da popa na serra de volta.



**Fonte:** Larissa Andrade, 2024.

**Figura 16** - Popa e proa finalizada.



**Fonte:** Larissa Andrade, 2024.

Quando já está colocado a proa e a popa. É cortada com o serrote as pontas das cavernas que estão ultrapassando a borda da armação.

**Figura 17** - Retirada das pontas das cavernas para alinhar com as tábuas da borda.



Fonte: Larissa Andrade, 2024.

#### **As últimas cavernas (10,11,03,01)**

As últimas cavernas das casas (10,11,03,01) são acrescentadas quando a proa e a popa estiverem já na armação. Devido ser necessário, tire suas medidas apenas quando a canoa já estiver toda quase armada. Quando a canoa já está armada, é dado por encerrado o acompanhamento às 12:09 da manhã. Na parte da tarde, apenas colocada do banco e do dormente (guarda) da canoa, o qual é a proteção da canoa, onde o pescador vai amarrar o peixe.

**Figura 18** - Canoa armada.



Fonte: Larissa Andrade, 2024

**Dia 03 – 17 de abril de 2024**

Chegando às 07:20 da manhã na Casa da Canoa, foram realizados a complementação dos pregos na fixação da dormente, utilizando para fazer os furos na madeira a furadeira. Para entrar na aplicação dos pregos, em vez do martelo, foi utilizado enxó. Para o procedimento de forramento da canoa, ela foi virada para a aplicação de mais pregos na tábuas do meio para sua fixação.

**Forramento da canoa:**

Essa etapa é utilizada as tábuas restantes, no total foram aplicadas quatro tábuas de Louro canela para seu forramento. Esse procedimento é feito a cava na tábuas para poder apoiar na costa da caverna. A cava é a retirada do excesso da parte de dentro da tábuas onde vão ser pregadas nas cavernas, esse procedimento é apenas manual, mais demorado. É usada a ferramenta enxó, todas as tábuas têm cinco metros e sessenta centímetros, que corresponde ao tamanho da canoa. Quando a cava é finalizada, a tábuas é levada para a banca de disco para fazer o corte e a retirada do excesso do lado de fora para assim deixar ela curvada. É importante ressaltar que foram feitas medidas durante todo o processo.

**Figura 19 - Processo Cava.**



**Fonte:** Larissa Andrade, 2024.

A retirada dos cantos é o processo que faz a canoa ser alvorada, para dar estabilidade quando for remar ou nas ondas. É a estabilidade da canoa, o alvoramento

dela. Depois desse procedimento de curvatura e retirada das pontas da tábua, para deixá-la alvorada. É realizado o procedimento de lixamento com a lixadeira.

**Figura 20** - Processo de lixamento após o processo cava.



**Fonte:** Larissa Andrade, 2024.

Na plaina de mão (elétrica) foi feita a raspagem do lado de fora da tábua. Na plaina elétrica para planear.

**Figura 21** - Plaina elétrica.



**Fonte:** Larissa Andrade, 2024.

Como o processo seria o mesmo para o restante das tábuas, é dado por encerrado o acompanhamento às 10:30 da manhã. Na parte da tarde, foram feitas apenas a calafetagem, o processo da aplicação da borracha entre o espaço de uma tábua para a outra, para não poder passar água entre elas. É utilizado o plástico que tem a mesma utilidade, só que é optado agora pela borracha, que é mais prático. O plástico, além de dar mais trabalho, é complicado. Para a construção dessa embarcação, foi utilizado o método com a borracha e, em seguida, a aplicação da massa acrílica que dá mais proteção à madeira.

**Dia 04 – 18 de abril de 2024**

Chegando na Casa da Canoa às 07:18, Senhor Celso já se encontrava trabalhando na aplicação da fibra de vidro. Nessa etapa, foi realizado o acompanhamento à distância por conta do forte cheiro da resina de vidro, e apenas realizado pelo mestre carpinteiro que estava com o equipamento adequado de segurança, utilizando: máscara respirador pintura; bota; luvas látex e protetor facial.

**Figura 22** - Aplicação da resina de vidro.



**Fonte:** Larissa Andrade, 2024.

A etapa da aplicação da fibra de vidro na canoa é adicionada a resina na madeira com um pincel de rolo e logo aplicada a manta de vidro, que é repetido o processo da resina por cima da manta.

**Figura 23** - Colocação da manta de vidro.



**Fonte:** Larissa Andrade, 2024.

Esse método é repetido por todo o comprimento da canoa. Quando está toda finalizada com a manta e resina, é feita mais uma aplicação da resina de vidro com o Vertex fosco verbras (conhecido como talco) para engrossar ela e fazer a finalização, para engrossar mais ela e fazer o acabamento.

**Figura 24** - Realização da mistura de resina com o talco para o acabamento da aplicação da fibra de vidro.



**Fonte:** Larissa Andrade, 2024.

Com a aplicação finalizada da fibra de vidro, é deixada para secar e no dia seguinte fazer o acabamento de lixamento nas bordas e a pintura da canoa. O acompanhamento foi encerrado às 10:40 da manhã.

**Figura 25** - Canoa já com o acabamento da aplicação da fibra de vidro.



**Fonte:** Larissa Andrade, 2024.

Como seria apenas esse procedimento, não houve acompanhamento no dia seguinte, mas o senhor Celso se disponibilizou para tirar foto da canoa já pintada. A cor aplicada nessa embarcação foi verde-limão com branco.

**Figura 26** - Canoa Finalizada.



**Fonte:** Celso Filho, 2024.

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E SOM**

Eu, Caíso de Silva Rios Filho, portador (a) do CPF 327.696.013-34, AUTORIZO a **Larissa de Sousa Andrade**, sediado(a) em **Teresina no bairro Poti velho**, a utilizar a minha imagem, em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e voz, capturados na entrevista. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) outdoor; (II) busdoor; (III) folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.); (IV) folder de apresentação; (V) anúncios em revistas e jornais em geral; (VI) homepage; (VII) cartazes; (VIII) back-light; (IX) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros); (X) trabalho científico (monografia, tese, dissertação, entre outros).

Por meio desta autorização ora concedida, autorizo **Larissa de Sousa Andrade**, ainda a realizar nas imagens e sons captados, cortes, reduções e edições. Esta autorização não gera e não gerará no futuro e também não ensejará interpretação de existir quaisquer vínculos ou obrigações trabalhistas, securitárias, previdenciária, indenizatória, ou mesmo empregatícia, entre o cedente e a **Larissa de Sousa Andrade**.

**DECLARO**, portanto, que estou de acordo com essas imagens, que não violam os direitos de imagem e de privacidade do cedente, e que tenho ciência que este material constituído por imagens e sons pertence exclusivamente **Larissa de Sousa Andrade**, que poderá usá-lo a seu exclusivo critério.

Teresina, 08 de DEZEMBRO de 2023.

Caíso de Silva Rios Filho

Assinatura do Cedente

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E SOM**

Eu, Jesé Antônia Fernandes, portador (a) do CPF \_\_\_\_\_, AUTORIZO a **Larissa de Sousa Andrade**, sediado(a) em **Teresina no bairro Poti velho**, a utilizar a minha imagem, em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e voz, capturados na entrevista. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) outdoor; (II) busdoor; (III) folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.); (IV) folder de apresentação; (V) anúncios em revistas e jornais em geral; (VI) homepage; (VII) cartazes; (VIII) back-light; (IX) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros); (X) trabalho científico (monografia, tese, dissertação, entre outros).

Por meio desta autorização ora concedida, autorizo **Larissa de Sousa Andrade**, ainda a realizar nas imagens e sons captados, cortes, reduções e edições. Esta autorização não gera e não gerará no futuro e também não ensejará interpretação de existir quaisquer vínculos ou obrigações trabalhistas, securitárias, previdenciária, indenizatória, ou mesmo empregatícia, entre o cedente e a **Larissa de Sousa Andrade**.

**DECLARO**, portanto, que estou de acordo com essas imagens, que não violam os direitos de imagem e de privacidade do cedente, e que tenho ciência que este material constituído por imagens e sons pertence exclusivamente **Larissa de Sousa Andrade**, que poderá usá-lo a seu exclusivo critério.

Teresina, 08 de DEZEMBRO de 2023.

Jesé Antônia Fernandes

Assinatura do Cedente

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E SOM**

Eu, ULISSES DE ANDRADE LIMA, portador (a) do CPF 051840103-00, AUTORIZO a Larissa de Sousa Andrade, sediado(a) em **Teresina no Museu do Piauí**, a utilizar a minha imagem, em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e voz, capturados na entrevista. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) outdoor; (II) busdoor; (III) folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.); (IV) folder de apresentação; (V) anúncios em revistas e jornais em geral; (VI) homepage; (VII) cartazes; (VIII) back-light; (IX) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros); (X) trabalho científico (monografia, tese, dissertação, entre outros).

Por meio desta autorização ora concedida, autorizo Larissa de Sousa Andrade, ainda a realizar nas imagens e sons captados, cortes, reduções e edições. Esta autorização não gera e não gerará no futuro e também não ensejará interpretação de existir quaisquer vínculos ou obrigações trabalhistas, securitárias, previdenciária, indenizatória, ou mesmo empregatícia, entre o cedente e a Larissa de Sousa Andrade.

**DECLARO**, portanto, que estou de acordo com essas imagens, que não violam os direitos de imagem e de privacidade do cedente, e que tenho ciência que este material constituído por imagens e sons pertence exclusivamente Larissa de Sousa Andrade, que poderá usá-lo a seu exclusivo critério.

Teresina, 13 de ABRIL de 20 24.

  
Assinatura do Cedente

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E SOM

Eu, Daniel da Silva Costa, portador (a) do CPF 031.477.843, AUTORIZO a **Larissa de Sousa Andrade**, sediado(a) em **Teresina no bairro Poti velho**, a utilizar a minha imagem, em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e voz, capturados na entrevista. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) outdoor; (II) busdoor; (III) folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.); (IV) folder de apresentação; (V) anúncios em revistas e jornais em geral; (VI) homepage; (VII) cartazes; (VIII) back-light; (IX) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros); (X) trabalho científico (monografia, tese, dissertação, entre outros).

Por meio desta autorização ora concedida, autorizo **Larissa de Sousa Andrade**, ainda a realizar nas imagens e sons captados, cortes, reduções e edições. Esta autorização não gera e não gerará no futuro e também não ensejará interpretação de existir quaisquer vínculos ou obrigações trabalhistas, securitárias, previdenciária, indenizatória, ou mesmo empregatícia, entre o cedente e a **Larissa de Sousa Andrade**.

**DECLARO**, portanto, que estou de acordo com essas imagens, que não violam os direitos de imagem e de privacidade do cedente, e que tenho ciência que este material constituído por imagens e sons pertence exclusivamente **Larissa de Sousa Andrade**, que poderá usá-lo a seu exclusivo critério.

Teresina, 18 de ABRIL de 2024.

Daniel da Silva Costa.

Assinatura do Cedente

Documento assinado digitalmente

gov.br

CELSON DA SILVA RIOS FILHO

Data: 27/09/2024 08:54:17-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>